



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE BACHARELADO E
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

DIEGO HENRIQUE BATISTA CABRAL

**A dinâmica da violência urbana no bairro Varadouro em João
Pessoa, PB no período de 2011 - 2016**

João Pessoa/PB

2017

DIEGO HENRIQUE BATISTA CABRAL

**A dinâmica da violência urbana no bairro Varadouro em João
Pessoa, PB no período de 2011 - 2016**

**Monografia apresentada junto à
Coordenação dos Cursos de
Bacharelado e Licenciatura em
Geografia, bem como junto ao
Departamento de Geociências, do
Centro de Ciências Exatas e da
Natureza, da Universidade Federal
da Paraíba, para fins de obtenção do
Título de Bacharel em
Geografia/CCEN/UFPB.**

Orientador: Dr. Fátima Rodrigues

João Pessoa/PB

2017

Autor: Diego Henrique Batista Cabral

**A dinâmica da violência urbana no bairro Varadouro em João
Pessoa, PB no período de 2011 - 2016**

**Termo de Aprovação: Monografia aprovada em 30/05/2017, com a
Nota:, como pré-requisito para a obtenção do Título de
Bacharel, ao nível de Graduação, no Curso de Bacharelado em Geografia,
no Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da
Paraíba, a qual foi submetida à avaliação, pela Banca Examinadora
composta pelos seguintes professores membros:**

Maria de Fátima Ferreira Rodrigues Dra em Geografia Humana, Profa do
Dgeoc - Orientadora e Presidente da Banca

Carla Daniela Leite Negócio (mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas,
Técnica do Ministério Público Federal

Examinador Externo

Doralice Sátyro Maia - Dra em geografia, Profa do Dgeoc/PPGG

Examinadora Interna

Agradecimentos

A vida é feita de muita luta, nem sempre as coisas saem da forma e no tempo que queremos, queria agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida e a oportunidade de concluir este curso, agradecer aos meus Pais, Valdenisio e Sônia Cabral, minha principal fonte de inspiração, pois foi a partir da luta deles que eu tive a oportunidade de poder está aqui, minha irmã Denise Carolline, minha parceira de muitas horas e a qual eu me esforço para poder ensina-la um pouco sobre a vida e espero poder ser um pouco de suas inspirações em sua vida.

Aos meus avós materno, José Batista e Maria de Lourdes, pessoas fundamentais na minha vida e na formação do meu caráter, sinônimos de luta e honestidade, aos meu avós paternos Cristovão Cabral (in memorian) e Egidia Cabral que dentro de todas as suas limitações se esforçaram ao máximo para dar uma educação digna ao meu pai.

Ao meu tio Wellington Batista e sua esposa Marijane, a minha Tia Vera e seu esposo Valdir, a minha família muluguense, meus tios Valdez, Beto, Nato, Valter, Tovo e minhas tias Rosa, Fá e Diza e seus respectivos maridos e esposas, pessoas que sempre me acolheram bem e foram muito importante na minha formação ao longo da minha vida.

Aos meus primos, Bruno Rennan e Wangler Cabral, ao qual eu saúdo todos os outros que fizeram parte de minha trajetória de vida.

Aos meus amigos de turma que perseveraram e acreditaram em seus sonhos e chegaram aonde estão, os Drs. Tassio (baiano), José Yure, Victor Hugo, aos Mestres, Diego Bruno, Luanna Loise e aos demais que vivenciamos muitos momentos na minha primeira fase de UFPB.

A minha nova turma, que me acolheu muito bem na minha retomada ao curso, seu Paulo em especial, uma figura ímpoluto e um exemplo de luta, que sempre me aconselhou e trocávamos muitas ideias nos corredores da faculdade, meus amigos Adonai, André, Erica Elane que sempre me ajudou na academia

tirando as minhas dúvidas acadêmicas e aos demais que fizeram parte desses momentos acadêmicos.

Aos meus amigos Wesley e Walysson Fernandes, Diego Arisson, ao qual sou muito grato a Deus por terem feito parte da minha infância e juntos aprendido muito sobre a vida.

Aos meus amigos Kleiton, Denilson (té), Alisson (mago), as pessoas da minha juventude, das baladas e dos esportes da vida.

Aos meus amigos de profissão, Tenente Ulysses (in Memoriam), Jonatas e Falcão que por muitos anos formamos a guarnição Tático comando e combatemos a violência lado a lado, protegendo a sociedade e protegendo um ao outro, momentos de luta e de muito ensinamento.

Ao Coronel Gerônimo, que me acolheu muito bem na corregedoria da PMPB, quando precisei e lá pude fazer muitos amigos como Lyra, Suelitom, Weverton, Dias, pude também reencontrar e ter o prazer de trabalhar com a minha Titia Dedinha, que tive a sorte de ter tido ela como cuidadora em uma creche.

Ao meu chefe e amigo o sertanejo de Cajazeiras José Ronildo e sua esposa a Dra Adriana França, pessoas muito especiais que tenho o prazer de conhecer e trabalhar que me ajudam muito e sei que posso contar sempre que precisar.

Ao meu amigo Arthur William, que sempre me deu forças e conselhos para que eu terminasse o curso e nos momentos que eu não tinha força de vontade para escrever meu TCC, ele sempre estava como um exemplo para me incentivar a sentar e escrever.

Aos meus amigos Celso e Thamara, Daniel e Karla, casais que tive o prazer de conhecer ao longo de minha vida e que passamos muitos momentos conversando e compartilhando momentos alegres e difíceis sobre nossos filhos e sobre a vida de um modo geral.

Gostaria de agradecer muito a minha digníssima e maravilhosa esposa, Larissa Caroline, a qual Deus me deu a oportunidade de viver os últimos 7 anos ao seu lado, me apoiando nas minhas escolhas, me perdoadando em meus erros e sempre me acolhendo em seu coração e que me deu os dois principais motivos de alegria, felicidade e inspiração em minha vida, as minhas duas filhas, Maria Caroline e Maria Cecília, meninas essas que quero servir de exemplo para que elas possam trilhar os seus caminhos brilhantes.

As minhas sogras Luzimar e Verônica Alves, avó e mãe da minha esposa, que também me abraçaram como mãe e me ajudam muito na criação de minhas filhas e na estrutura diária da minha vida, aos meus sogros Sergio e Reginaldo, avô e pai de minha esposa que também ajudam muito no nosso dia-a-dia.

A Pedro Victor e Vannessa Alves que além de cunhados são meus compadres e tive a oportunidade de conceder o apadrinhamento de minhas filhas, logo uma responsabilidade concebida por Deus e que correspondem muito bem.

A professora Dra. Fatima Rodrigues, que abraçou a minha ideia e me deu a oportunidade de trabalhar com ela, dando uma cara a este trabalho.

E a todas as outras pessoas que passaram pela minha vida, ajudando a construir a minha história e que deixei de falar aqui nesse momento.

Resumo

Nas últimas décadas, o crescimento urbano acelerado das grandes cidades brasileiras foram acontecendo de forma intensa, sem que o planejamento urbano fosse viabilizado fazendo com que grandes problemas sociais se avolumassem na sociedade brasileira. Quando discutimos o caso da violência no espaço urbano, observamos que esse fenômeno tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelas atuais políticas públicas dos governantes em qualquer nível – municipal, estadual e federal -, visto que junto com o crescimento acelerado outros problemas sociais também se avolumam. Desta forma, para entendermos o problema da violência urbana é preciso antes de tudo identificar como o crescimento acelerado e sem planejamento pode interferir na vida do cidadão, o que de fato acaba contribuindo para uma desarmonia social. A ocupação desordenada do espaço público na grande João Pessoa, não tem sido apenas na chamada periferia, visto que o centro da cidade e suas adjacências têm sido ocupado de forma indevida sem que os gestores públicos tomem qualquer providências, ou seja, as ocupações espontâneas têm contribuído para o surgimento de favelas, representando não apenas um ponto crítico de habitação, mas também o lócus de reprodução da criminalidade, inclusive o tráfico de drogas. Nesse contexto, a população da grande João Pessoa, passou a conviver com o avanço indiscriminado da violência urbana oriundo principalmente do tráfico de drogas o que se manifesta também em outros delitos causando insegurança ao cidadão, vítima também da desorganização do espaço público. Nosso trabalho, visa discutir a violência urbana no bairro do Varadouro, na grande João Pessoa, bairro este que de acordo com a mídia tem sido cada vez mais controlado pela criminalidade. Contudo, tal fenômeno se dá pela inexistência de uma atuação eficaz dos gestores públicos o que facilita ao aumento da criminalidade. Entender porque o bairro do Varadouro tem sido considerado um dos mais violentos da capital visto pelo olhar da mídia e até mesmo pela própria sociedade que se deixa influenciar pela falta de conhecimento da verdadeira realidade do bairro, é a questão central deste trabalho.

Palavras-Chave: Urbanização, Violência, Segregação, Gestão Pública.

Abstract

In the last decades, the accelerated urban growth of the great Brazilian cities was happening in a disorganized way and without any planning, causing great social problems to increase around the society. When we discuss the case of the urban question, we observe that this phenomenon has been one of the greatest challenges faced by the current public policies of the rulers at any level - municipal, state and federal - since along with the accelerated growth other social problems also increase, Especially cases of violence. Thus, to understand the problem of urban violence, it is necessary first of all to identify how accelerated and unplanned growth can interfere in the life of the citizen, which in fact ends up contributing to a social disharmony. The disordered occupation of public space in the greater João Pessoa has not only been in the so-called periphery, since the center of the city and its surroundings have been occupied illegally without public managers taking any steps, that is, spontaneous occupations have Contributed to the emergence of favelas representing not only a critical point of housing, but also the locus of crime reproduction, including drug trafficking. In this context, the population of the great João Pessoa, came to live with the indiscriminate advancement of urban violence originating mainly by the control of drug trafficking, which is also manifested in other crimes causing insecurity to the citizen, also victim of the disorganization of public space.

Our work aims to discuss urban violence in the neighborhood of Varadouro, in the great city of João Pessoa, this neighborhood that according to the media has been increasingly controlled by crime. However, this phenomenon is due to the inexistence of an effective performance of public managers, which facilitates the increase of crime. Understanding why the neighborhood of Varadouro has been considered one of the most violent in the capital seen by the media and even by society itself that is influenced by the lack of knowledge of the true reality of the neighborhood has been one of the concerns discussed in this work.

Keywords: Urbanization, Violence, Segregation, Public administration.

Sumário

1 – Introdução	10
CAPITULO 1 - A Violência como fenômeno histórico	15
1.1 - A violência Urbana no Brasil contemporâneo	18
1.1 - O agravamento da violência urbana no Estado da Paraíba	23
CAPÍTULO 2 - A violência na Grande João Pessoa: uma análise a partir da produção midiática	29
2.1 – A violência urbana como um fenômeno da sociedade de massa .	30
2.2 – O espaço da violência como audiência midiática	32
Recorte 01 - Crime organizado domina mais de 30 bairros de João Pessoa e Campina	32
Recorte 03 - Homem reage a assalto e quase provoca tragédia em Manaíra.	33
Recorte 04 - Bandidos dominam 22 áreas de João Pessoa e transporte é refém de gangs.	34
Recorte 05 - VIOLÊNCIA: João Pessoa é destaque na mídia nacional.	34
Em plena ‘Sexta-feira da Paixão’, violência na Capital da Paraíba é destaque na mídia nacional; oito assassinatos em menos de 24h.	34
2.3 – Mídia, programas policiais e o síndrome do medo na sociedade .	35
3- O Bairro do Varadouro: características e facilidades para o aumento da violência urbana	38
3.1 – O bairro do Varadouro e a violência urbana	39
3.2 – O bairro Varadouro: um perfil e um olhar sobre ele	47
3.3 – Os atores sociais, suas visões e perspectivas sobre a violência.	51
Referências bibliográficas	59

1 – Introdução

A violência urbana tem sido um dos problemas que mais tem preocupado a sociedade brasileira. Entre os múltiplos fatores que têm contribuído para o seu aumento podemos citar: exclusão social, falta de perspectiva de vida, desestruturação familiar, o desemprego, as aglomerações na periferia, a impunidade, a ganância, a fome, o vício e as drogas que contribuem acentuadamente para a ocorrência e crescimento de crimes violentos, os quais não devem ser combatido apenas com o aparato repressor do Estado, uma vez que os agentes de segurança pública tem sido utilizados de forma funcional, sobretudo, nas questões táticas de inteligência. Desta forma, procuraremos analisar como se dá a presença do Estado para conter a violência urbana, visto que em certos aspectos tal presença tem se configurado em uma atuação mais efetiva na atenuação da criminalidade do que na prevenção.

Sendo o Estado, o detentor dos meios necessários para o combate a violência, procuramos identificar uma coexistência nas aspirações das pessoas que se tornam vítimas no seu cotidiano, e como se dá sua atuação no controle da criminalidade e na formulação, e, implementação de um plano estratégico que contemple não só a governança política de segurança pública, mas inclua também ações que se unifiquem com a operação das polícias e da justiça, promovendo medidas que visem melhores estruturas e ações conjugadas principalmente nas periferias.

O Varadouro é um bairro da zona norte da cidade de João Pessoa, capital do estado brasileiro da Paraíba. Situa-se na posição mais a noroeste da capital, às margens do rio Sanhauá, e apresenta uma população aproximada de 3.720 pessoas, segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).¹ A Dinâmica da Violência Urbana no Bairro Varadouro no período de 2011 - 2016, tem como objetivo descrever e analisar a violência urbana no bairro do Varadouro, na cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba, além de verificar como se dá a convivência das pessoas no mesmo bairro, que

¹ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Varadouro_\(João_Pessoa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Varadouro_(João_Pessoa)). Acesso em 18/05/2017.

de uma forma ou de outra utilizam este espaço geográfico no dia a dia, uma localidade negligenciada pelo poder público.

Meu interesse pelo tema se deu em virtude de minha relação familiar com o bairro, visto que foi lá onde nasci e me criei, e ainda continuo a frequentar em virtude do laço de amizade com algumas pessoas as quais comigo conviveram e também da presença de alguns parentes que ainda habitam o local.

No conjunto das questões abordadas destacamos ainda: analisar o Estado no papel que lhe cabe de garantir aos cidadãos condições para uma convivência pacífica na comunidade em que vive, além de verificar as percepções dos atores sociais no que se refere à violência urbana refletida no seu cotidiano.

Numericamente falando, o varadouro é um bairro em que a violência urbana não é de um todo um de seus maiores problemas, pois diante de seus números, comparando os de outros bairros da cidade, e com os do Estado da Paraíba, estes índices representam baixos valores. Outras revelações ocorrem quando os moradores do bairro são entrevistados, as respostas das entrevistas, chegam a surpreender e outras conclusões são tiradas.

Sobre a violência urbana, existe uma vasta bibliografia em diversos campos acadêmicos, desde a sociologia, a história e principalmente na geografia urbana, em que diversos estudiosos têm desenvolvido teorias sobre sua origem, assim como tem focado na falta de uma atenção para os problemas por parte dos governantes. Nossa pesquisa, de deu inicialmente por uma revisão bibliográfica sobre o tema, bem como procuramos junto a Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social ((SESDS), dados estatísticos sobre o número de casos sobre violência no Estado da Paraíba, entrevistamos também *in loco*, pessoas da comunidade que de uma forma ou de outra foram vítimas ou presenciaram cenas de violências no bairro, o que nos deu mais subsídios para a conclusão deste trabalho.

Ao longo deste trabalho, nos propusemos discutir o problema da violência urbana como um desagregador social contribuindo para a insegurança e o medo no cotidiano das pessoas. Nosso estudo esteve voltado para o bairro do Varadouro na cidade de João Pessoa, e como recorte temporal estabelecemos

o período entre 2011 e 2016, por se tratar de um tema atual e de repercussão midiática. Procuramos discutir as razões e origem da violência urbana, a partir de uma visão da literatura sobre o tema com bastante fundamentos em que se discute desde a falta de uma atuação eficiente do Estado em atender as necessidades básicas dos cidadãos, passando pela influência da mídia e o seu mau uso em se discutir o problema, procurando transformá-lo em produções sensacionalistas o que ao invés de educar e preparar o cidadão para o enfrentamento e discussão do problema, tem contribuído para inserir na sociedade o aumento da insegurança e o medo do convívio social. Procurando compreender a mudança de comportamentos das pessoas que convivem com esse tipo de problema social, e, a partir de opiniões através das entrevistas conseguimos entender o medo e a insegurança em que essas pessoas estão submetidas. Outro meio também utilizado foi o de coleta de dados visando compreender em números como o aumento da violência tem se alastrado pelo bairro do Varadouro, influenciando de forma negativa na imagem que se tem do mesmo

Neste trabalho, um dos pontos aprofundados vem a ser o seu crescimento e como esse problema passou a ocupar o espaço geográfico do bairro do Varadouro, levando-se em conta o fato de que vivemos em um sistema globalizado em que tal fenômeno tornou-se de uso recorrente da mídia. Todavia, procuramos discutir as particularidades e fragmentações locais que facilitou o nosso entendimento sobre as diferenças na forma como a violência urbana se manifesta como um todo. Em relação aos fatos narrados pelos entrevistados quanto ao se sentirem fragilizados em virtude do aumento da violência, notamos que tais relatos se associam ao que pensa a maioria da sociedade brasileira. Neste caso, vale ressaltar que a sociedade brasileira vem cada vez mais, sofrendo com a violência urbana, fruto principalmente do descaso dos poderes públicos que pouco tem procurado enfrentar o problemas como um todo. Todavia, em se tratando da violência urbana, o cidadão tornou-se a maior vítima porque vive com medo, tentando se proteger de tudo e de todos, como se todos fossem inimigos.

Para realizar a pesquisa recorremos a pesquisa bibliográfica e documental e o trabalho de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada em sites

institucionais em bibliotecas públicas e em portais especializados. No entender de Bertucci (2008), a importância da pesquisa documental consiste na realização do trabalho científico tendo como referência a leitura, a análise e a interpretação de documentos existentes acerca de um determinado fenômeno. Desta forma, nosso trabalho tem como base a exposição de práticas e estudos de dados oficiais e jornalístico, além de entrevistas com pessoas vítimas da violência. Para obtermos dados sobre o recorte empírico adotado recorreremos ao SESDS, em busca de informações sobre o bairro.

Neste caso, utilizamos também os recursos da história oral e da abordagem qualitativa.

O trabalho parte de um estudo de caso que para Godoy (1995) se configura em:

(...) uma estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por que", certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real. [...] A divergência e os conflitos, tão característicos da situação social, devem estar presentes no estudo (GODOY, 1995, p. 25-26).

Portanto, o estudo de caso por ser uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo procura identificar aspectos relevantes para a execução do trabalho. Já a utilização da abordagem qualitativa por nós utilizada, além de oferecer descrições ricas sobre uma realidade específica, tem por finalidade ajudar o pesquisador a superar concepções iniciais e a gerar ou revisar as estruturas teóricas adotadas anteriormente, oferecendo base para descrições e explicações muito ricas de contextos específicos.

O trabalho de campo é indispensável em qualquer pesquisa geográfica, no entanto, precisa ser bem planejado, visando oferecer condições para uma melhor compreensão da realidade. É imprescindível que um pesquisador de temas relacionados à Geografia saiba planejar e realizar um trabalho de campo, bem como explorar os dados obtidos por meio deste.

Quando se trata de um trabalho de campo, é fundamental que o pesquisador se utilize das diversas etapas elaboradas por ele no intuito de se obter o resultado necessário para a conclusão de seu trabalho. Para entendermos como se dá os casos de violência no bairro do Varadouro procuramos buscar respostas em sua formação e caracterização geográfica em vários aspectos. Para tanto, procuramos realizar entrevistas com moradores do local e coletamos dados juntos aos órgãos públicos, bem como na imprensa local. Em uma pesquisa de campo, torna-se necessário o contato com a realidade para as observações e comparações com as coletas de dados. Procuramos entrevistar algumas pessoas que nasceram e que também fazem comércio e trabalham nas proximidades, entre os quais dois homens e uma senhora moradora do bairro que fizeram relatos de casos de violência não só pessoal, mas também de outras vítimas. Nosso trabalho está estruturado em três capítulos: no capítulo 01 tratamos a discussão bibliográfica sobre o tema da Violência como fenômeno histórico como o capítulo está dividido em dois tópicos: no primeiro discutimos sobre a violência Urbana no Brasil contemporâneo; no segundo tópico, as discussões se dão em torno do agravamento da violência urbana no Estado da Paraíba. O capítulo 02, cujo título: a violência na Grande João Pessoa: uma análise a partir da produção midiática, encontra-se dividido em três tópicos: no primeiro, apresentamos a discussão sobre a violência urbana como um fenômeno da sociedade de massa, discutimos como alguns autores têm trabalhado a questão da violência como produto das mudanças ao longo da expansão urbana, no segundo tópico discutimos sobre o espaço da violência como audiência midiática, enfatizando o papel da mídia nas reportagens sensacionalistas em de aumentar sua audiência, já no capítulo 03, que tem como título: Mídia, programas policiais e o síndrome do medo na sociedade, discutimos como essas reportagens sensacionalistas têm contribuído para o aumento do medo e da insegurança entre as pessoas que se sentem inseguras no espaço urbano, e no terceiro capítulo, que tem como título: O Bairro do Varadouro: características e facilidades para o aumento da violência urbana, discutimos sobre as características do bairro do Varadouro, sua importância histórica. Este capítulo está dividido em três tópicos, no primeiro que tem como título: O bairro do Varadouro e a violência urbana, discutimos sobre a formação histórica do bairro e falta de estrutura o que leva a população a ocupar espaços urbanos sem

as mínimas condições de sobrevivência, no segundo tópico que tem como título: O bairro Varadouro: um perfil e um olhar sobre ele, apresentamos dados estatísticos sobre os casos de violência no bairro, e no terceiro tópico que tem como título: Os atores sociais, suas visões e perspectivas sobre a violência, onde foram realizadas trinta entrevistas com moradores diversos: dez homens, dez mulheres e dez comerciantes, de lugares e de habitação distintas e que residem no bairro em tempos distintos.

CAPITULO 1 - A Violência como fenômeno histórico

Jean Jacques Rousseau, em sua obra o discurso sobre a origem da sociedade (1754), diz que o homem vivia de forma natural, convivendo com a natureza de forma simples e nessa convivência satisfazia facilmente as suas necessidades. No entender do mesmo, foi a partir do momento em que o homem passou a se apropriar dos bens de seu semelhante através da força, que a humanidade começou a mudar os seus pensamentos, tornando-se egoísta, ambiciosa e violenta, sobre esse tema diz o autor:

O primeiro que, tendo cercado um terreno, se lembrou de dizer: isto é meu e encontrou pessoas bastantes simples para acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: “livrai-vos de escutar esse impostor; estareis perdido se esquecerdes que os frutos são de todos e a terra de ninguém”. (ROSSEAU, 2008, p. 22)

A violência é um fenômeno histórico, complexo e multicausal, que abrange toda humanidade, não fazendo nenhum tipo de distinção social, visto que ocorre desde os primórdios da civilização e está inserida até os dias atuais como um dos principais problemas enfrentados pela sociedade. Quando se trata da questão da violência há de se constatar que nenhuma sociedade está isenta, e, cada uma em seu devido momento a expressa de uma forma ou de outra pois, segundo Ferreira e Penna, (2005, p. 1):

a violência sempre existiu em todas as sociedades e em todos os tempos como forma de resolver conflitos entre pessoas, na família, na comunidade e entre os países. Atualmente, no entanto, convive-se com as formas tradicionais de violência e as novas, para as quais ainda há uma certa perplexidade.

As sociedades greco-romanas institucionalizaram a violência através do sistema de diferenciação social, em Esparta os cidadãos eram divididos de acordo com suas origens. Os espartanos legítimos se dedicavam ao aperfeiçoamento do corpo e defesa da cidade no caso de guerra, já em Atenas os atenienses se dedicavam ao desenvolvimento intelectual em detrimento do trabalho físico, estes, em ambas as cidades-estados estavam destinados aos escravos que deveriam produzir para abastecer as cidades e o comércio.

Já em Roma, as leis foram desenvolvidas como instrumentos asseguradores dos privilégios dos pequenos grupos sob a maioria marginalizada.

A idade média utilizou-se da violência para punir as transgressões, educar, intimidar e impedir a ascensão intelectual dos grupos sociais mais pobres, foi um período tratado pelos historiadores como um dos mais violentos. A igreja e o Estado exerciam a função de juízes e sentenciavam as pessoas de acordo com as ameaças aos seus interesses.

A Igreja católica através da fé e da religião contribuiu para a implantação da violência de forma institucionalizada, pois o Estado e a Igreja em determinado momento da história se confundiam. Sua influência se deu através de ferramentas de segregação social entre as pessoas, na venda de indulgências, castigos físicos contra os chamados hereges e violou a ordem social. Com o surgimento da modernidade, o homem começa a se sentir mais independente na compreensão de seu papel social, afastando a religião dos assuntos burocráticos da vida cotidiana. Para (Odália, 1991), *a violência está presente na sociedade desde os tempos mais remotos e sua prática levou ao aperfeiçoamento de suas várias faces*. No seu entender, essas desigualdades se dão devido a forma de comportamento humano o que tem como consequência a geração de conflitos que iria conduzir a sociedade ao aprimoramento das técnicas de eliminação e subordinação do outro.

Com o início das grandes navegações e a expansão mercantilista, as nações passam a investir em sistemas de defesa para proteger os novos territórios conquistados, a tecnologia e a violência seriam empregadas nas invasões e no controle desses novos territórios. Ao longo dos séculos, essas explorações de novos povos, ocasionariam problemas entre as grandes potências da época como França, Inglaterra, Portugal, Espanha e principalmente com os países recém unificados como a Alemanha e Itália, dando início assim a Primeira Guerra Mundial, guerra está que deixou sequelas em todos os países da Europa, fortalecendo posteriormente movimentos nacionalistas de caráter nazifascistas, filosofias que fortaleciam o mercado da guerra, levando várias nações a investirem no mercado bélico e eclodindo em meados de 1939 à 1945 a Segunda Guerra Mundial.

Após o fim da Segunda Guerra, duas novas nações e dois modos de produção difusos dão início a uma guerra ideológica, política e econômica, os EUA com o modo capitalista e a URSS com o modo socialista, dividindo o mundo em dois blocos e fazendo várias vítimas em guerras paralelas em torno do mundo, tendo como símbolo de seu fim a queda do muro de Berlim em meados da década de 1990.

A violência, esse mal que tanto assola a humanidade ~~e mundo~~ nos dias atuais tem sido um problema crucial em todas as sociedades, principalmente nos países emergentes como o Brasil.

A violência se manifesta de várias formas: podemos falar em violência urbana, em violência no trânsito, em violência doméstica, em violência nos esportes, em violência televisiva e, até mesmo, em violência virtual.

É certo que o problema da violência vem causando vários tipos de sequelas sociais, novas formas de criminalidade surgiram, e esse mal tem se caracterizado como um dos maiores enfrentados por todas as nações nos dias de hoje, sobretudo no espaço urbano

No sentido posto a cidade que deveria ser por excelência, um lugar de convívio pacífico e de fortalecimento dos laços sociais, posto que é nela em que os cidadãos se relacionam diuturnamente em diversas atividades da vida social.

No entanto, é a partir dessa relação que passamos a compreender como se forma o processo em que culmina com a violência, suas causas, consequências e formas de se evitar ou tentar amenizá-la. No entender de (POSTERLI, 2000), “Onde está o homem está o perigo”. Da mesma forma, Thomas Hobbes ao falar que “O homem é o lobo do homem”, e precisa de regras para que se tenha uma convivência pacífica, nos leva a compreender que o indivíduo é passível de comportamentos que, por vezes, violam as regras sociais.

Não diferente de Hobbes, Ferraz (1994) enfatiza que “O homem se assemelha a certas espécies de animais, quando entra em conflito com os de sua própria espécie; e é, dentre as espécies, a única em que o ato de lutar é destruidor, comete assassinatos em massa e possui desajustados dentro de seu próprio meio”. Essa visão colocada por esses autores citados, de que o homem precisa de regras para que se garanta o convívio social, vem crescendo entre os cidadãos a cada dia e de acordo com o aumento da violência urbana a necessidade de criar mecanismos, regras e condições para um bom convívio social. A violência nos grandes centros urbanos passou a ocorrer de forma rotineira, e muitas vezes o próprio cidadão passou a conviver com esse tipo de coisa como algo normal. Dessa forma, a violência tornou-se banalizada o que se constituiu em um mecanismo de agressão, presente na vida de todos os indivíduos.

1.1 - A violência Urbana no Brasil contemporâneo

A temática sobre violência urbana encontra-se entre as principais preocupações da sociedade brasileira e o medo passou a ser um sentimento comum no cotidiano dos cidadãos nas grandes cidades. A violência está presente em nossos espaços de convivência e adentra a nossa casa diariamente. Através dos meios de comunicação de massa, tem sido comum nos depararmos com imagens e narrativas de crimes que chocam por sua astúcia e crueldade. No entender de Ramos e Paiva (2007) a mídia exerce um importante papel no debate sobre a implementação das políticas públicas de combate à violência que estão em curso no Brasil. Ainda segundo as autoras esse papel também diz respeito ao tema da segurança pública e ao combate da violência

urbana, que está entre os assuntos que mais despertam interesse, preocupação e medo na população brasileira.

A violência urbana pode ser entendida um fenômeno social de comportamento deliberadamente transgressor e agressivo. Esse comportamento pode ser formado pelo conjunto dos cidadãos ou por parte deles, nos limites do espaço urbano. Estudos recentes têm procurado demonstrar que tal fenômeno se diferencia de outros tipos de ação violenta praticados por pessoas ou grupos de pessoas, para Santos, (2015, p.41):

A agressividade, portanto, passou a ser aceita, como uma manifestação normal que caracteriza uma instabilidade afetiva, e que suscita comportamentos de riscos, comumente observados entre os habitantes das grandes cidades, que culminam em reações e em comportamentos de defesa e de auto proteção, colaborando assim, para a sobrevivência, principalmente, enquanto manifestação da violência.

Visto que o seu desencadeamento se dá em consequência das condições de vida e do convívio no espaço urbano, a ausência do Estado em ações frequentes que possam dar condições para que a população disponha de acesso às necessidades básicas, tem facilitado para que outros agentes ocupem esse espaço, tornando-se uma espécie de liderança popular, a exemplo dos grupos de extermínio. Nisso ganham destaques os altos índices de criminalidade, agravando-se com a constante infração dos códigos elementares de uma conduta civilizada.

Portanto, a violência urbana na maioria das vezes tem conseguido se impor em razão do mal funcionamento do Estado, que tem sido negligente na execução de mecanismos de controle social, político e jurídico, posto que é o Estado quem é o agente responsável pela Educação e pela Segurança Pública. Em um país que ainda apresenta índice de subdesenvolvimento como o Brasil, com instituições frágeis, profundas desigualdades econômicas e sociais, e com uma tradição cultural de violência herdada de sua formação política e territorial, a realidade do cotidiano das pessoas nas grandes cidades tende a tornar-se violenta, sendo portanto a violência um fato rotineiro. Neste aspecto, os meios de comunicação de massa têm contribuído para que a violência urbana passe a

ser uma espécie de novela no cotidiano das pessoas, principalmente os programas policiais transmitidos pelas redes televisivas.

É comum, assistirmos em horário nobre da televisão brasileira cenas de comportamentos criminosos de média ou alta gravidade, como assassinatos, linchamentos, assaltos, tráfico de drogas, tiroteios entre quadrilhas rivais, além do desrespeito sistemático às normas de conduta social estabelecidas pelos códigos legais ou pelo costume, como o de crianças servindo de espectadores. A espetacularização da mídia transpassa o sensacionalismo, chegando ao ponto de fazer o julgamento daquilo que acha conforme interesses variados. Sobre esse comportamento Mello (1999) enfoca que “no que diz respeito à violência, em especial a violência urbana, a mídia é parcial. Os meios de comunicação (...) tomam partido, julgam e condenam” (p.138).

Tudo isso se dá na disputa pela audiência, que o cidadão brasileiro de uma forma ou de outra também contribui ao endeusar determinados apresentadores como se fossem os justiceiros, chegando a eleger tais figuras para mandatos eletivos, seja no parlamento ou no executivo.

Quando da aceitação social da ruptura das normas jurídicas e o desrespeito às normas sociais, estamos contribuindo para o enfraquecimento da cidadania e conseqüentemente para o crescimento da violência urbana. Neste caso, a sociedade passa a admitir de forma passiva os atos de violência tanto dos agentes do estado contra as pessoas mais pobres, assim como o descompromisso do indivíduo com as regras de convívio. Outro fator determinante para o aumento da violência se dá através da impunidade dependendo de quem comete tal crime e sua condição social. De acordo com Bezerra (2005, p. 116,118):

A violência se expressa no excesso, na gratuidade, na banalidade com que se apresenta no dia-a-dia (...) vem-se infiltrando profundamente no tecido das relações sociais. É cada vez mais parte do cotidiano (...) o impacto desse quadro na vida subjetiva se exprime tanto na corrosão dos laços sociais – na destruição dos espaços de convivência e ação comuns, no isolamento cada vez maior dos indivíduos e no abandono de horizontes compartilhados quando no campo do sofrimento psíquico e da psicopatologia (...) ela está entranhada em nossa estrutura social e permeia o tecido de nossos laços

intersubjetivos. (...) O declínio do poder em função da redução da capacidade de agir em conjunto cria um caldo para o florescimento da violência”.

Como um mal que assola a maioria das grandes cidades brasileiras, a violência urbana, tem contribuído para enfraquecer as relações sociais, e ao atingir diretamente as leis que regem o código penal, a ordem pública e as pessoas. Tornou-se rotineiro entre as pessoas a busca por uma ação mais rígida do Estado no combate a violência, seja pela mudança no código de leis e ou por uma ação mais rigorosa no combate ao crime. Sabemos que a violência tem sua origem em diversas causas como: a falta de regras para crianças e adolescentes; a desestruturação familiar; ausência do Estado nas necessidades básicas do cidadão, dentre outras. Entretanto, um dos problemas que mais tem afetado e contribuído para o aumento da violência está ligado a má distribuição de renda que resulta na privação de necessidades básicas como a educação, a saúde e a busca por melhores condições de moradia, o que de uma forma ou de outra tende a contribuir para que algumas pessoas passem a percorrer os caminhos da marginalidade, organizando-se em gangs ou facções, provocando o terror nos principais centros urbanos.

No decorrer da formação histórica da sociedade a violência em sua essência foi uma das formas mais utilizadas pelo homem para a dominação e o controle das sociedades mais frágeis, nos dias atuais, a violência tem se tornado um problema global e de maior incidência principalmente nos países com menos poderio econômico, não é um fato exclusivamente urbano, porém, devido a intensidade desse fenômeno ocorrer em sua maioria na cidade denomina-se como violência urbana.

Quando nos relacionamos com o tema da violência urbana, é preciso que façamos uma discussão a partir de vários paralelos, assim como procuraremos indagar os vários porquês de sua origem para entendermos esse processo no mundo contemporâneo. Por mais que o nosso país tenha vivido uma evolução social imensa nos últimos 13 anos, ligar a violência ao fator social é bem complexo, devido aos vários exemplos e casos que a mídia nos mostra, quando pessoas de baixo poder aquisitivo conseguem vencer na vida com seu próprio esforço, enquanto outras que nasceram em berço de ouro, chegam a decair ao

fundo do poço. Contudo, os que estão livres dos problemas econômicos, não estão livres da violência. Nos estudos atuais sobre violência urbana, verifica-se que esse fenômeno atinge toda a população, visto que independente de classe social muitos têm sido vítimas de roubos, furtos e de latrocínio, ou seja, a violência que na teoria, acontecia com quem tinha boas condições financeiras, hoje é universalizada.

A violência urbana é um grave problema enfrentado pelo Brasil, o aumento vertiginoso desse fenômeno nas últimas décadas tem assolado a sociedade no seu dia a dia, tornou-se quase impossível um cidadão brasileiro não ter sido vítima de algum tipo de violência, a imprensa televisada e escrita noticiam de forma enfática as várias modalidades de crimes que vem sendo presenciados em nosso cotidiano. Desse modo, torna-se quase impossível estudar de forma unificada as tipificações criminais em nosso país, devido a sua extensão territorial, a sua diversidade cultural, entre outros fatores. É fato que o crime se recicla, cria novas modalidades dentro do seu sistema e chega a impressionar a velocidade com que a criminalidade tem se aperfeiçoado em nosso país.

A mídia tem nos mostrado que nas camadas sociais mais estabelecidas, o uso das drogas têm sido corriqueiro, transformando muitos ambientes que diante do preconceito social deveria ter um nível melhor de vida. No entanto, estão convivendo também com os vários tipos de violência que tanto mal tem causado a sociedade como um todo.

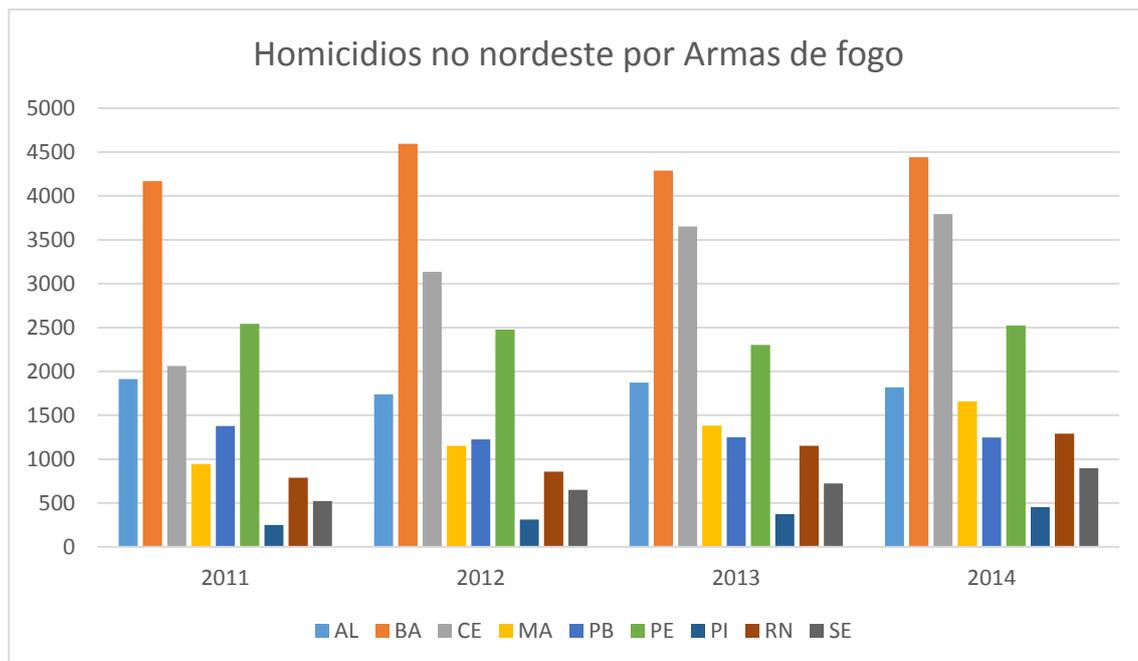
Quando analisamos a violência urbana em seu contexto atual, podemos dizer que existem alguns fatores históricos que devem ser levados em consideração como a segregação espacial e o descaso do Estado em algumas partes do seu território. A intensificação da urbanização a partir de 1940 decorrente da industrialização do país provocou mudanças no eixo econômico, urbano e social das cidades, nesse período deu-se início a um intenso êxodo rural, onde as famílias do campo buscavam a melhoria de suas vidas nos grandes centros urbanos, centros esses que não se encontravam preparados para acolher essa grande parcela da população que, via de regra se acomodavam nos arredores periféricos das cidades, ou em áreas de riscos sem

nenhum tipo de infraestrutura, o que lhes causaram na atualidade grandes problemas sociais.

Podemos dizer que a violência urbana em nosso país tem se apresentado de forma generalizada. A violência contra as mulheres, os negros, os homossexuais, têm mostrado que ainda vivemos em uma sociedade patriarcal herdada da forma de colonização que herdamos desde a invasão portuguesa em nosso território. Notícias sobre crimes têm sido corriqueira; a morte se tornou banal, passando a ser um produto de comércio da mídia. Nos dias atuais, o Brasil tem se destacado negativamente no cenário mundial pelo aumento assustador do crime de homicídio, segundo relatório da OMS (Organização Mundial de Saúde) o Brasil é o país com mais homicídios no Mundo, a cada 100 homicídios no globo terrestre, 13 são no Brasil, partindo para uma escala municipal a cidade de João Pessoa que outrora era considerada entre as cinco cidades do mundo mais indicadas para se morar na aposentadoria segundo a própria ONU (Organização das Nações Unidas), surge entre as cinco cidades mais violentas do mundo segundo uma ONG (Organização Não Governamental) mexicana, seguridade, justicia Y paz.

1.1 - O agravamento da violência urbana no Estado da Paraíba

Sem diferenciar-se da realidade nacional, a Paraíba tem enfrentado grandes problemas por conta da violência, o estado encontra-se hoje entre os mais violentos do Brasil, crimes que outrora tinha seu maior registro em grandes cidades, invadem as cidades paraibanas de forma rápida, de acordo com dados apontado por WAISELFISZ (2016), a Paraíba aparece em 6° lugar como o estado mais violento do Brasil e 5° do Nordeste, quando se trata do assassinato por armas de fogo. O mesmo autor afirma que entre o período de 2000 à 2014, o estado da Paraíba passou da 16° colocação para o 6° lugar.



Fonte: Mapa da Violência 2016

Os dados evidenciados na tabela 01 ocupa os noticiários da imprensa que têm ocupado grande parte de seus meios de comunicação para noticiar sobre crimes de homicídios, sequestros, roubos, ataques a bancos. Esse noticiário têm se tornado corriqueiro, visto que não tem sido algo espantoso abrir um jornal, acessar uma notícia pela internet ou assistir a algum telejornal local e verificar que as manchetes violentas ocupam grande espaço.

É fato que o crime organizado a cada dia, vem ganhando um espaço destacado dentro do nosso estado, facções criminosas lutam pela ocupação de territórios usados por rivais causando transtornos, insegurança e medo entre as pessoas que utilizam determinado espaço geográfico como única opção de sobrevivência.

Na atualidade, observamos na mídia paraibana, noticiários sobre duas facções que tem se destacada nessa guerra do crime organizado. Essas facções, adotaram nomes conhecidos mundialmente e adaptaram à realidade local, a chamada OKAIDA, que faz alusão ao conhecido grupo terrorista afegão que ganhou ênfase mundial na derrubada das torres gêmeas americanas e a Al Qaeda, na qual seus integrantes segundo o jornal do comércio de Pernambuco, em sua edição on-line, de 15 de maio de 2013, são identificados pelas tatuagens de um “bobo da corte” ou do personagem do filme “brinquedo assassino” o

chucky, e a facção conhecida por EUA, por ser o país que faz frente ao combate à guerra contra o terrorismo, logo esses que são os membros tornam-se pessoas criminosas que não querem se juntar a outra facção e se tornaram independentes, e seus membros tatuam bandeiras americanas ou carpas como forma de identificação, fazem frente a sua rival. Existem outras facções em nível nacional, mas com menor expressão em nosso território, como o PCC o primeiro comando da capital, que surgiu no território paulista e outras duas nascidas em território carioca que são a ADA, amigos dos amigos e o CV, comando vermelho. Apesar de serem facções de nível nacional, não se instalaram aqui com tanta força como em outros estados, pois essas duas facções OKD e EUA resistem as investidas dessas de maior influência no crime, em nosso estado.

O crime migra, ele tem tido força de espalhar seus criminosos. Acordos são feitos dentro e fora dos presídios, por isso existem tentativas de expansão de território. Indivíduos que cometem crimes em outros estados migram para o Brasil todo, dessa forma, cometem crimes também no território paraibano. Quando são presos ocupam os presídios de nosso estado, e tentam agregar a “filosofia” adotada por suas facções, ou seja controlar o poder do crime organizado em outros Estados. Essas facções criam suas regras, definem suas atuações, decidem quem vai matar ou quem vai morrer. Os jovens, principalmente os da periferia, têm se envolvido cada dia mais com o crime organizado em decorrência da falta de infraestrutura urbana, a pobreza e o desemprego. Na perspectiva de interpretar o espaço Santos. (2015, p.58) entende que:

Tanto a desigualdade social quanto outras modalidades de desrespeito proporcionam a violência e alimentam as práticas delituosas das organizações criminosas; desse modo, deve-se entender que não é só com as ações e com operações policiais que reduzirá a violência, bem como as ações criminosas, devendo portanto, que o estado brasileiro implemente políticas públicas que visem combater as explorações econômicas e, conseqüentemente as desigualdades sociais, respeitando a todos como cidadãos e investir seriamente em um modelo de educação pública de qualidade.

O Estado falha no combate à criminalidade, reprime mais que educa, as ferramentas de combate à violência no Estado não são de todo ruins, as polícias vêm trabalhando de forma incansável, prendem muito, porém, essas são as forças de repressão e que não tem como seu principal papel a reeducação dos jovens que cometeram delitos e estão presos. Nosso sistema penitenciário está falido assim como em todo o Brasil, a carceragem é péssima, costuma se dizer que é uma escola do crime, pois muitas vezes o cidadão que entrou no presídio por roubo, ao sair, já teve sua formação em outras modalidades de crime, o presídio tem seu preço, existe a troca de favores dentro de suas instalações, logo, em sua grande maioria, os apenados ditam suas regras, vão fazendo suas amizades muitos detentos criam simpatia por determinada facção e ao serem libertados, devem favores e voltam ao mundo do crime com a obrigação de prestar serviço a quem o ajudou na detenção, a carceragem é, portanto, um meio complexo e cheio de armadilhas. Para Barbosa (2016, p. 16)

O Estado, a quem foi delegado o poder da coletividade em detrimento do individual, deveria punir o transgressor para que os demais indivíduos não trilhassem pelo mesmo caminho, devido as suas consequências. O que ocorre é que além da morosidade para a aplicação da lei, as dosimetrias penais são em sua maioria muito brandas e logo os transgressores da lei estão de volta às ruas para cometer novos crimes e assim, acreditam que o crime compensa e ainda, cria-se uma sensação de impunidade, que em grande medida, é causa do aumento da violência.

Essa sensação de impunidade existe, pelo fato de tantos crimes se tornarem corriqueiros, falando não só dos crimes que atingem diretamente a sociedade na forma de se sentir vítima dos criminosos que entram e saem dos presídios corriqueiramente, mas também dos criminosos de colarinho branco que se encontram com o poder na mão e nos fazem vítimas de suas roubafeiras que passam impunes, levando aos criminosos mais pobres em seu pensamento social de que no Brasil tudo pode.

Nos 6 últimos anos, o governo do estado tem feito investimentos consideráveis no combate à violência na Paraíba, longe do ideal, mas que vem tendo resultado, como a criação de batalhões e unidades policiais militares,

expansão e reformas de delegacias, aumento do efetivo da segurança pública, criação de programas de bonificação financeira no incentivo à redução dos homicídios, como é o caso do programa Paraíba Unida Pela Paz, que premia os agentes de segurança pública conforme os baixos índices de Crimes Violentos Letais Intencional, CVLI, vão diminuindo. Sobre esses crime registramos os dados na tabela a seguir:

Gráfico dos CVLIs na Paraíba no período de 2011 - 2016



FONTE: Núcleo de Análise Criminal e estatística – SESDS - PB

Os roubos também têm tornado o dia-a-dia dos paraibanos bem complicado, não é difícil conhecer um cidadão paraibano que não tenha sido vítima de algum tipo de roubo, seja na frente de sua casa, indo ao trabalho, voltando da escola, a população tem se tornado refém da criminalidade. Esses furtos compõem uma categoria de crime muito perigoso, e provoca uma revolta social. Não é difícil para que o praticante de pequenos delitos como o roubo, se transforme em um latrocina, ou seja roubo seguido de morte, o que em determinados casos o infrator passa por um linchamento público, quando alguém consegue segurá-lo a sociedade o agride de forma bárbara sem ao menos

esperar os poderes do Estado para levá-lo à justiça, transformando o assalto em mais um homicídio. Além disso, os cidadãos, passaram a reagir aos assaltos vindo assim acontecer consequências mais graves.

Existem algumas outras modalidades de crimes que têm se tornado corriqueiro em nosso território, são os sequestros relâmpagos, no qual o cidadão é tido como refém e levado a fazer saques em suas contas ou é pedido resgate em troca de sua soltura, as saidinhas de banco, quando alguém com certa quantia em dinheiro vai fazer um depósito ou tem feito um valor alto de saque, são alvos comuns. Muitas dessas pessoas são rapidamente abordadas e têm seus valores roubados. Outra modalidade de violência que tem sido muito utilizada pelo crime organizado no Estado da Paraíba, são as corriqueiras explosões de caixas eletrônicos. Vários homens invadem as cidades com um aparato bélico muito grande e com uma quantidade de pessoas muitas vezes até maior que a dos policiais que fazem a segurança do município, estouram os caixas eletrônicos, atiram nas delegacias e unidade de segurança pública, deixando os agentes de segurança sem um poder de reação para conter a ação criminosa, difícil de ser combatida por parte das autoridades devido as estratégias utilizadas por esse tipo de organização.

Manchetes de jornais, impressos e online² têm ganhado expressividade abordando este tema a exemplo das que citamos a seguir: *“Sucessivas explosões de bancos deixam população em pânico na Paraíba”*, uma das quase centenas explosões bancárias em nosso estado que gera repercussão nacional, *Era madrugada no momento em que começaram as explosões na agência do Banco do Brasil do município de Pilar (PB), a 55 km de João Pessoa. “Foram mais de 40 minutos de tiros e bombas. Todo mundo ficou assustado, parecia que o chão ia desabar”*, relata a aposentada Maria das Dores Costa, que, desde então, todo mês precisa se deslocar até o município vizinho para tirar dinheiro e pagar suas contas. Esse tipo de crime, além dos riscos que provoca a sociedade, ainda acarreta outros problemas como a falta de dinheiro no comércio local, gerando uma cadeia de problemas sociais, como o desemprego por falta de capital de giro, *É esse o clima que os criminosos deixam por onde passam na*

² <https://www.uol.com.br/>. Acesso em 30/12/2016.

maioria dos municípios do interior da Paraíba. Além de ficar sem banco, a população dessas localidades vive com medo de uma nova investida. A mesma matéria ainda descreve o sentimento de medo do povo que vive nesse pequeno município paraibano.

CAPÍTULO 2 - A violência na Grande João Pessoa: uma análise a partir da produção midiática

A violência urbana tem sido um dos temas mais debatido nos meios de comunicação de todo Brasil, visto que suas consequências tendem a influenciar nos principais indicadores da qualidade de vida das cidades, o que de uma forma ou de outra passam a transformá-las em locais indesejados para o convívio social. No entanto, é preciso destacar que tal fenômeno é fruto do aumento da urbanização ocorrida a partir da segunda metade do século XX. Quando observarmos a repercussão dos casos de violência nos meios de comunicação, nota-se que tais matérias jornalísticas pouco contribuem para o seu combate e sim para uma adaptação dos munícipes como se fora fatos corriqueiros aos quais devemos nos acostumar. Ao invés de debatermos os vários fatores relacionados à violência e sua influência na estrutura urbana, causando consequências irreparáveis na qualidade de vida dos cidadãos, a mídia paraibana ao reproduzirem reportagens sensacionalistas tem transformado os casos de violência em acontecimentos banais. A partir da inexistência de um debate mais racional e da falta de ações eficientes pelos poderes públicos o que assistimos é a segregação dos espaços, transformando-os em seguros e inseguros, nesses termos, a violência se transforma em um importante fator responsável pela desestruturação social, contribuindo para a degradação da qualidade de vida nos grandes centros urbanos.

Na verdade, a violência urbana não pode ser considerada como um fator que ocorre em todo espaço de forma generalizada, visto que sua atuação tem ocorrido de forma mais efetiva nas periferias dos grandes centros urbanos. Entretanto, isto não quer dizer que suas consequências sejam localizadas, pois não só os moradores da periferia, mas toda a população independente de classe

social tem sofrido com sua expansão. Esses fatos são destacados por Pinheiro (1997, p. 46) que relata:

O alto índice de vítimas jovens e de seu envolvimento com o crime revela um elo claro entre pobreza e violência.

Não que exista uma relação mecânica e direta entre pobreza e crime violento, mas é imperativo considerar como os fatores de desigualdade afetam o problema de crime na América Latina. (...) O crime se torna a maneira mais fácil e rápida de ter mobilidade social e canais 'respeitáveis' para tal mobilidade são cortados amplamente.

Por conta da generalização da violência estudiosos afirmam que:

O urbanista deve compenetrar-se de que a violência, antes de ser um caso de polícia e de justiça criminal, é um caso – fundamental – de estrutura física urbana, pois toda organização social, jurídica, econômica, cultural e moral de uma sociedade tem suas atividades apoiadas nessa estrutura material. (FERRAZ, 1994, p. 34-35).

Nesse aspecto a violência passa a ser como se tivéssemos uma arma a ser disparada, e apontada para toda sociedade, que convive em um mesmo espaço urbano.

2.1 – A violência urbana como um fenômeno da sociedade de massa

O estado de violência parece estar mais relacionado à chamada sociedade de massa. De acordo com (GULLO, 1998, p. 106):

A violência social pode ser considerada então como uma expressão da sociedade, “uma resposta a um sistema que se associa à forma de poder vigente onde a oposição entre dominante e dominado se reproduz de acordo com o contexto das relações sociais que o grupo desenvolve e, conseqüentemente, desemboca em medidas legais e jurídicas do próprio sistema”. (GULLO, 1998, p. 106).

Entende-se que o número exorbitante de habitantes em uma cidade pode ser considerado como um dos fatores mais expressivo do aumento da violência devido principalmente a geração de conflitos entre dominantes e dominados, mas o crescimento populacional só contribui para a violência por demandas de

infraestrutura (moradia, transportes, educação, por problemas estruturais. O aumento da violência abre espaço para discussões mais aprofundadas sobre o tema, no entanto, um dos fatores mais presente defendido por muitos autores é a tese de que a violência urbana têm uma relação com à enorme desigualdade social presente nas grandes cidades. Assim, perguntamos. Qual a origem dessa desigualdade e como ela se manifesta através da violência? Na verdade, o modelo econômico capitalista, tem influenciado bastante nesse fator desagregador da sociedade, uma vez que os excluídos, passam a viver à margem de processos econômicos que os excluem do acesso aos bens serviços promovidos pela sociedade urbana.

Quanto a mídia nesse processo de expansão da violência, a sua análise faz-se necessária, cabendo ao Estado regular a sua atuação, evitando que ela se fortaleça e torne-se um poder paralelo e passe a agir de forma manipuladora, fazendo com que haja um choque entre o cidadão e o Estado. Na verdade, no Brasil atual a mídia passou a ser considerada como se fosse um quarto poder, e isso tem se configurado quando ela passa a interferir na vida do cidadão ao manipular notícias em sua maioria com interesses escusos. Com o passar do tempo, a mídia ampliou seu espaço de manipulação tornando-se também sensacionalista ao exibir casos de violência de forma chocante como se estivesse transmitindo os seriados americanos. Como aponta Michaud (1989, p. 51):

a realidade da violência não é estética: as fotografias do local de um atentado dão uma pálida ideia da náusea provocada por restos humanos despedaçados e pelo sangue em poças ou salpicado nas paredes. A fraqueza das imagens se deve a várias razões: à censura corrente que descarta os documentos mais insustentáveis, à perda de definição resultante da reprodução mecânica, à estilização que encena artisticamente as imagens e as transforma em clichês, à banalização induzida pela repetição". (MICHAUD, 1989, p. 51).

A briga por audiência passou a ser encarada como uma luta para saber quem melhor e mais rápido leva informações para a sociedade, não importando como ela chega às famílias e de que forma são repassadas. A ação midiática não está voltada apenas para impulsionar nossa vida com informações positivas, ela passou a jogar todo tipo de informação em nosso cotidiano não importando

qual tipo de espectador está do outro lado da tela, do computador ou de outros meios de comunicação. Dessa forma, banaliza a violência o que ao invés de combatê-la passa a reproduzi-la, já que do outro lado pessoas passam a se interessar pelos atos violentos, passando a repeti-los, principalmente quando se trata de crianças e adolescentes.

2.2 – O espaço da violência como audiência midiática

Muito se tem comentado qual é o papel da mídia na formação de opinião pública, nas últimas décadas a relação mídia-criminalidade tem sido uma das mais controvertidas no Brasil. Por mídia entende-se como sendo uma vasta rede de canais de comunicação, tecnologia e eventos que tem como objetivo desempenhar papéis relevantes que possam contribuir para uma formação condizente com a sociedade, cabendo-lhe também construir um cenário social harmonioso, uma vez que o público tende a se valer do conhecimento e das informações por ela transmitidas. O uso sensacionalista da mídia, desconstrói sua finalidade, visto que a maioria das pessoas não tem experiência pessoal e compreensão das raízes da violência urbana.

Neste caso, não está em jogo a relevância da informação, e sim como ela pode atingir seus objetivos, mesmo que para isso mostrem cenas de assassinatos e agressões violentas contra a pessoa.

Escolhemos algumas notícias sobre fatos diversos ligado a violência urbana para elucidar os argumentos apresentados. Vejamos como algumas dessas notícias são abordadas na mídia:

Recorte 01 - Crime organizado domina mais de 30 bairros de João Pessoa e Campina

Na disputa por domínio de território, a polícia está perdendo a guerra para os bandidos em pelo menos 22 áreas na Grande João Pessoa e nove em Campina Grande. Esses locais foram apontados por representantes de várias categorias que prestam serviço nos bairros, como áreas dominadas por bandidos, que

assaltam e colocam armas na cabeça dos trabalhadores, ameaçando-os de morte. A ação dos bandidos já impediu a realização de serviços em várias comunidades. A Secretaria da Segurança reconhece que precisa ampliar as ações da polícia nessas áreas e vai ouvir as categorias.

Recorte 02 –

Na comunidade Cangote do Urubu, vizinha ao Centro da Cidade, os carteiros estão sem entregar correspondência. Os taxistas estão evitando bairros da Capital até mesmo durante o dia e deixando de fazer corrida com casais, por ser uma tática usada por bandidos para roubá-los. O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) criou restrições e só atende a ocorrências de arma de fogo e arma branca se a ambulância estiver acompanhada da polícia. Em alguns bairros de João Pessoa, bandidos estão andando de graça nos ônibus e obrigando os motoristas a desviar da rota para deixá-los na porta de casa. Na comunidade Boa Esperança (Cristo), um leiturista da Cagepa foi assaltado duas vezes e dias depois foi ameaçado de morte por presenciar uma tentativa de assassinato. (Portal MaisPB.com.br. 25/01/2015 às 10h12)³.

Recorte 03 - Homem reage a assalto e quase provoca tragédia em Manaíra.

Um jovem de aproximadamente 30 anos, que não quis se identificar a reportagem do WSCOM Online, reagiu a um assalto no início da tarde desta terça-feira 01 e quase provocou uma tragédia no bairro de Manaíra. (Wscom.com.br. 01/12/2009⁴).

³<http://www.maispb.com.br/1345/crime-organizado-domina-mais-de-30-bairros-de-joao-pessoa-e-campina.html>. Acesso em 12/04/2017.

⁴ <http://www.wscom.com.br>. Acesso em 12/04/2017.

Recorte 04 - Bandidos dominam 22 áreas de João Pessoa e transporte é refém de gangs.

O retrato do domínio dos bandidos nas comunidades das duas principais cidades paraibanas (João Pessoa e Campina Grande) é o que está acontecendo com o transporte público da Capital. De acordo com o Sindicato dos Motoristas da Paraíba, no conjunto Colinas do Sul (Grotão), praticamente ninguém paga passagem. É que os bandidos que controlam a região e os moradores protegidos por eles, entram nos ônibus sem pagar a passagem e ainda obrigam os motoristas a saírem da rota, para deixá-los na porta de casa. “Em uma viagem com o ônibus lotado, quando chega ao terminal tem três ou quatro passagens pagas. E o motorista tem que fazer tudo calado, porque se reclamar morre”, disse Antônio de Pádua, presidente do sindicato. (Gazeta Universal. 25/01/2015⁵).

Recorte 05 - VIOLÊNCIA: João Pessoa é destaque na mídia nacional.

Em plena ‘Sexta-feira da Paixão’, violência na Capital da Paraíba é destaque na mídia nacional; oito assassinatos em menos de 24h.

Desde as primeiras horas desta sexta-feira da Paixão que portais de notícias locais do Estado da Paraíba não param de divulgar assassinatos e violência na cidade. O resultado não poderia ser outro, o Portal UOL acabou de destacar em uma das suas manchetes os oito assassinatos ocorridos até o momento na Capital. (Portal PBagora.com.br. 2 de Abril de 2011)⁶.

Ao ler essas notícias entendemos porquê o medo da violência tornou-se uma realidade na vida das pessoas, o que tem influenciado em mudança de hábitos. Casos corriqueiros de violências têm conseguido fazer com que as pessoas não saiam mais sozinhas à noite e até durante o dia, evita-se fazê-lo em algumas áreas da cidade. Não se pode mais tirar dinheiro do banco e carregá-

⁵<https://gazetauniversal.wordpress.com/2015/01/25/bandidos-dominam-22-areas-de-joao-pessoa-e-transporte-e-refem-de-gangs/>. Acesso em 12/04/2017.

⁶ <http://www.pbagora.com.br>. Acesso em 12/04/2017.

lo na carteira. Não se pode mais deixar o carro estacionado em local aberto porque se corre o risco de não encontrá-lo na volta. O convívio familiar está se resumindo ao espaço da própria residência. Não se pode mais permitir que as crianças brinquem na rua sem medo de que algo aconteça. O temor de ser assaltado, sequestrado ou agredido se tornou uma marca não só nos grandes centros urbano, e até mesmo em pequenas cidades que aparentavam serem lugares de repouso, as pessoas tentam se proteger gradeando seus estabelecimentos comerciais e colocando cadeados e correntes nos portões de entrada. Essa falta de segurança tem contribuído para o aumento do medo, do pânico e da depressão entre as pessoas. Na falta de uma atuação do poder público, as pessoas acabam se acostumando a buscar a proteção por conta própria: evitando lugares vazios, guardando pertences com cadeados, vivendo vigiadas por câmeras, rodeadas de muros, entre grades.

2.3 – Mídia, programas policiais e o síndrome do medo na sociedade

Sabemos que os meios de comunicação de massa em geral são fontes de informações indispensáveis no mundo globalizado no qual vivemos. Contudo, em se tratando dos interesses de quem a utiliza como forma de manipulação, e dos objetivos que se procura alcançar, tais informações ao serem propagadas tendem a atingir o público alvo em questões de segundos. Neste caso, em se tratando de programas policiais, estas ferramentas de manipulação de massa têm sido utilizado de forma extremamente perigosa.

Nas últimas décadas, estamos presenciando de forma acelerada o aumento da violência urbana, e de uma maneira generalizada, o que deveria se tornar uma política de conscientização e combate através dos meios de comunicação, esta passa a ser vendida como produto da mídia em matérias sensacionalistas publicadas em jornais, e apresentadas em programas de televisão na disputa por audiências. Ao transformarem os programas policiais em comédias da vida real e apresentarem reportagens em pequenas doses diárias, as cenas de violência deixaram de criar impacto sobre o público,

especialmente quando se referem às vítimas pertencentes às camadas mais pobres da população (Mello, 1999).

Na verdade, os tais programas policiais têm contribuído para provocar uma verdadeira empreitada na geração de mais violência, pânico e terror na sociedade, causando insegurança e medo, o que leva a opinião pública a exigir medidas mais enérgicas do Estado, sempre de cunho repressivo para coibir e eliminar os ditos violentos. No entender de (SOUZA FILHO, 1995), o que é tomado como a opinião pública é uma visão socialmente produzida a partir daquilo que a sociedade, o poder e a realidade vivenciam imediatamente pelos indivíduos no dia a dia. Ao continuar alimentando esse cenário, a mídia, que deveria possuir uma relevante função e responsabilidade social perante a sociedade, acaba noticiando a questão da violência abordando em geral, o problema da criminalidade como se fosse um seriado de novela do dia a dia. Em alguns programas policiais têm-se assistido a verdadeiros espetáculos circenses com a presença de crianças e adolescentes em que apresentadores se utilizam de sátiras e chacotas como forma de atrair o público alvo. Lucinda, Nascimento e Candau (1999) discutem sobre a influência da mídia na violência que ocorre nas escolas e afirmam que sua forma exercida por meio de cenas e, também, pelas propagandas, promovem o consumismo de programas que valorizam padrões de vida de nível socioeconômico elevado, o que em muitos casos, crianças de baixo padrão não tem condições de usufruí-los tornando-se frequentes os conflitos entre colegas.

Neste caso, a televisão brasileira ao invés de trabalhar a conscientização do cidadão com mensagens verdadeiramente úteis, passa a se utilizar de meios sensacionalistas provocando o medo e a insegurança na sociedade. Trabalham o cenário, produzem o espetáculo, porém, não se busca as razões que levaram tais pessoas a se envolverem no mundo do crime. Portanto, é preciso observar, que a manipulação criada e fomentada pela mídia é de difícil rompimento visto que a esfera dos dominados não têm alternativas no contexto da vida cotidiana de pensar de forma diferente.

Dessa forma, quando discutimos sobre o papel da mídia frente à temática da violência urbana, se percebe que os meios de comunicação de massa tem utilizado o tema de forma banalizada, contribuindo ainda mais para a

desinformação sobre suas causas. Nas palavras de Rolim (2006, p. 191) “(...) a maior parte dos meios de comunicação no Brasil está comprometida com o discurso de que o crime está fora de controle e que a violência cresce de forma assustadora”.

Os veículos de comunicações de massa em geral deveriam possuir como finalidade imprescindível, a responsabilidade nas transmissões de reportagens com informações, conhecimentos e reflexões sobre o tema a ser tratado, visando contribuir para a educação do público alvo e não causar pânico na sociedade. Em se tratando da televisão brasileira, esta deveria ter como responsabilidade social a boa comunicação com o seu público dentro de um olhar amplo e abrangente envolvendo o poder público e seus múltiplos serviços disponibilizados para a sociedade. Fugindo de sua responsabilidade e procurando melhorar sua audiência, esses programas televisivos nada têm a contribuir com o combate à violência urbana. De acordo com Bayer (2013):

Em razão do aumento dos programas sensacionalistas, a mídia exerce influência sobre a representação do crime e dos infratores, utilizando do medo para determinar os “excluídos”, para então poder justificar a estigmatização e a implementação de normas severas contra os estigmatizados.

A partir do exposto, observa-se que a mídia televisiva em seu cotidiano utiliza-se de meios sensacionalistas em seus programas televisivos na divulgação de acontecimentos trágicos contribuindo para o aumento do pânico e do medo na população. Em se tratando do posicionamento da mídia principalmente, quando se refere a violência urbana, os programas televisivos têm sido apresentado em forma de manipulação dando ênfase aos crimes, aos homicídios, aos roubos e furtos, e não tratando de questionamentos que envolvam a violência que afeta a maior parte da população, ou seja o acesso aos direitos fundamentais, às políticas públicas e serviços essenciais à população, negados pelos poderes públicos e causadores do aumento dos índices de pobreza e desigualdade social.

3- O Bairro do Varadouro: características e facilidades para o aumento da violência urbana

Na Ciência geográfica são frequentes os estudos sobre a cidade e o bairro por se tratarem de recortes territoriais que trazem contribuições para se pensar o planejamento urbano, mas também as formas de organizações sociais e os modos de vida. Neste trabalho tomamos como recorte territorial o bairro do Varadouro situado na Cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Na cidade de João Pessoa, o Varadouro é o bairro mais antigo, tendo 431 anos de existência. Na sua concepção histórica, foi por lá que tudo começou.

Por fazer fronteira com o rio Sanhauá, o porto do capim foi o primeiro porto construído na cidade, porto este que com o passar dos anos foi desinstalado e substituído pelo Porto de Cabedelo⁷, dando origem assim, a uma comunidade conhecida com o mesmo topônimo, esta, existente até os dias atuais. Diante dessa proximidade com o Porto do Capim, no varadouro instalaram – se várias indústrias, a exemplo da fábrica Matarrazo e da antiga fábrica de refrigerantes Sanhauá. No bairro também estão o terminal rodoviário estadual, os terminais de ônibus municipal de João Pessoa, hoje conhecido como integração, e também o terminal ferroviário.

O site do Uol, em sua edição online de 30 dezembro de 2016⁸, em uma de suas matérias sobre violência, descreve a seguinte manchete: Desde sua criação, esse bairro tem como uma de suas principais características, a circulação dos mais diversos grupos de transeuntes que chegam em João Pessoa, sejam de outros estados ou de outros municípios, como turistas ou como trabalhadores entre outros objetivos dos mesmos.

Na verdade, foi no bairro do Varadouro onde tudo começou em nossa cidade, o mesmo constitui-se de uma dinâmica interessante, visto que durante o dia passa por ele uma quantidade considerável de pessoas devido ao comércio que aqui se instalou, em ruas históricas como a Maciel Pinheiro, General Osório e a Behoan, cada uma com sua característica específica de comércio. A noite o

⁷ - O Porto de Cabedelo-situa-se na margem direita do estuário do rio Paraíba do Norte, em frente à Ilha da Restinga, na parte noroeste da cidade brasileira de Cabedelo. https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=porto+de+cabedelo Data do acesso 18/04/2017.

⁸ Loc. Cit.

Bairro torna-se bastante esquecido, deixou de ser um bairro onde habitou por muitos anos a elite pessoense e passou a ser um bairro dormitório, habitado por pessoas em sua maioria do interior paraibano ou de outros estados, que fixaram moradia na capital paraibana, muito dos quais procurando fugir dos problemas socioeconômicos das cidades de onde se originam, mas que encontraram como possibilidade apenas o trabalho informal.

Uma parte considerável desses imigrantes, que por aqui ficaram e se instalaram, naturalmente constituíram famílias com pessoas que já habitavam o bairro, e, formaram suas respectivas famílias, tornando a localidade um lugar com característica interioranas e bastante familiar. Outras pessoas também vieram morar no mesmo bairro através de influências familiares. Com o passar dos anos, e, conforme as condições financeiras dessas famílias foram melhorando, muitas dessas famílias partiram pra outros lugares, e outras famílias que não tinham muita ligação com o bairro migraram em direção ao Varadouro, mudando assim as características da população e do bairro respectivamente, dando espaço a um novo tipo de moradia, os cortiços, casas antigas que foram sendo divididas e transformadas em várias habitações, uma forma encontrada para um aumento na renda dos proprietários dessas casas, porém, algumas delas, devido o valor acessível às pessoas de baixa renda, tornaram-se locais propício ao tráfico de drogas, também pela dificuldade de policiamento nessas áreas.

3.1 – O bairro do Varadouro e a violência urbana

O Varadouro durante muitos anos foi o lugar por onde várias secretarias estaduais e municipais se instalaram, alguns importantes órgãos da segurança pública ainda estão inseridos no local, a exemplo do Quartel do Comando Geral da Polícia Militar da Paraíba, o 1º Batalhão De Polícia Militar da Paraíba, a 23ª Circunscrição de Serviço Militar do Exército Brasileiro, e até outrora, a Central de Polícia Civil do estado da Paraíba, local onde se concentrava várias delegacias de investigação da Polícia Civil.



Antiga Central de Polícia – Bairro do Varadouro - Foto Pollyana Souza

Fazendo uma breve análise, deveria ser um bairro de certa maneira seguro, por abrigar tantos órgãos de segurança pública em um mesmo local, mas quando falamos de violência, não só apenas os órgãos de segurança pública são os responsáveis pelo controle da mesma, sendo necessária uma participação mais efetiva da população, na cobrança constante perante os governantes por uma melhor infraestrutura nas comunidades onde residem. No bairro do Varadouro, nos deparamos com várias comunidades que apresentam uma carência muito grande de serviços gerados pelos poderes públicos, assim como de um poderio econômico, a exemplo do Porto do Capim lugar em que se deu início a construção da capital paraibana e porque não dizer da formação histórica da cidade. Entretanto, nos dias atuais a comunidade encontra-se bastante abandonada pelas autoridades públicas.

No bairro do Varadouro existem outros lugares esquecidos, entre os quais podemos citar as comunidades Santa Emília de Rodat mais conhecido como Cangote do Urubu, uma comunidade que se concentra entre o cemitério da boa sentença e o distrito mecânico municipal de João Pessoa, e que tem como uma de suas características principais a semelhança com as comunidades periféricas do Brasil, por se afastarem do centro comercial, e se localizarem em um espaço de baixo valor econômico, de pouca especulação imobiliária e de baixa qualidade

de vida. Nota-se porém uma ausência efetiva do poder público o que facilita a formação de facções criminosas que passam a controlar o crime organizado Okaida e Estados Unidos. Portanto, foi a partir do abandono e da ausência do Estado na prestação de serviços básicos nessas áreas que foi se formando um contingente de pessoas desprovidas de assistências para sua manutenção e de seus familiares o que facilitou de uma forma ou de outra, para que o crime organizado se utilizasse da necessidade de sobrevivência de muitas pessoas que habitam tais comunidades, ampliando-se nessa localidade a territorialização da violência.

Segundo FERREIRA e PENNA (2005: 60) A territorialização da violência se processa da seguinte forma:

Tradicionalmente, a violência costuma ser relacionada à pobreza, à exclusão social, à omissão do Estado, à ausência de serviços públicos urbanos e ao próprio processo de urbanização que cria enclaves de pobreza e as periferias. A complexidade e o crescimento da violência têm levado a considerá-la como o resultado de junção de todos esses aspectos, facetas do processo social. É no território que esses diferentes aspectos do processo social se articulam, interpenetram-se, completam-se e contradizem-se. Admite-se então que a violência também se territorialize.

Dessa forma, pode-se concretizar que na ausência do estado, o indivíduo se apodera da fragilidade encontrada nas comunidades e cria a sua própria Lei, através das relações do poder, onde os mais fortes passam a dominar os mais fracos. Isto posto, observa-se que nestas comunidades, os líderes de facções criminosas detentores das armas e do capital em decorrência de suas atividades ilícitas, conseguem impor na população o medo, mantendo assim uma subserviência destes em virtude de sua fragilidade econômica, e da carência da proteção do estado.

Outra comunidade de características não tão diferentes das demais e que também está situada no bairro do Varadouro, é a comunidade do mulungu que na cidade tornou-se vulgarmente conhecida como cracolândia. Localizada entre as principais avenidas comerciais do bairro, pode-se dizer que essa comunidade encontra-se no coração do centro comercial da capital paraibana, ficando em um local que em teoria, deveria ser bastante seguro, pois se situa entre o Quartel do Comando Geral da PM, o 1º Batalhão de Polícia Militar, que é a unidade

responsável pelo policiamento do bairro, dentre outros, e a então antiga Central de Polícia Civil, onde concentrava-se a parte mais operacional do referido órgão. No entanto, é preciso salientar mais uma vez que, nem só com segurança pública armada, se combate a violência.



Quartel do Comando Geral – Foto Pollyana Souza



Quartel do 1º Batalhão da PM/PB

Fonte:

Não diferente de outros centros urbanos de nosso país, esse bairro possui uma grande variedade de pessoas, incluindo-se famílias com as mais distintas classes sociais, variando entre aqueles que vivem em condições de miséria, ou seja, daqueles que vivem abaixo da linha de pobreza e até mesmo aos de classe média, que se comparando a realidade nacional, em alguns momentos poderemos considerá-los de classe média alta.

Partindo desse paralelo, várias discussões poderiam ser levantadas, e, uma delas é a relação interpessoal vivida no bairro. Por mais que as pessoas façam parte de classes sociais diferentes, alguns lugares de convívio coletivo fazem com que essas pessoas se aproximem, a exemplo da Igreja e dos ambientes de lazer dos jovens. Quando se discute o espaço voltado para o lazer, torna-se importante salientar que no Varadouro, tal espaço é praticamente inexistente o que comprova a falta de uma ação efetiva dos governantes. Durante muitos anos a própria população do bairro criou ambientes improvisados o que revela a negligência. Quando se fala de lazer, os jovens em sua facilidade de comunicação, durante a prática de atividades recreativas interagem das mais variadas formas que a criatividade e curiosidade jovial pode lhes permitir. Esta interação pode ter sido responsável para parte desses jovens do bairro

Varadouro não sofressem vários tipos de consequências desagradáveis em suas vidas, visto que alguns foram absorvidos pelos mais variados tipos de violência e outros jovens que tinham um maior apoio familiar conseguiram equilibrar as suas vidas.

Nos últimos anos, o poder público interviu no comércio informal do Varadouro, alguns espaços onde predominavam pontos de comércio ambulante, lugares de comercialização de produtos informais, estes foram relocados para shoppings populares, criando uma nova modalidade de comércio para o bairro, os shoppings do comércio informal, o *Shopping Terceirão*, é um exemplo desses centros comerciais, pois é o mais antigo e mais organizado localizado na rua General Osório e que nos dias atuais vem sendo ocupado por comerciantes que estão imigrando da china, mais especificamente, e trabalhando com os seus produtos, em sua grande maioria sem taxaçaõ alfandegária, produzindo prejuízo ao comercio local, porém também tem gerado alguns empregos informais, este é o exemplo de um dos centros comerciais criados no bairro, os outros exemplos são 4400 que localiza-se na antiga Lojas Brasileiras (LOBRÁS), e o novo centro de passagem que fica na Maciel Pinheiro e ainda não possui um comércio estabilizado como os outros, ainda é motivo de muitas reclamações por parte dos comerciantes locais.



Shopping Terceirão – Foto Pollyana Souza



Espaço do comerciante informal 4400 – Foto Pollyana Souza

A informalidade é algo bem presente no bairro do Varadouro, ao longo dos anos, um novo tipo de informalidade cresceu na nossa cidade, o transporte alternativo, gerou muitos empregos informais e muitos problemas sociais, no bairro concentrou-se um grande número de cooperativas de transportes alternativos e também muitos autônomos dessa modalidade de serviço, esse tipo de transporte abrangia no começo de sua prática, preferencialmente os passageiros das cidades que formavam a grande João Pessoa, Bayeux, Santa Rita, Cabedelo, mas com o passar do tempo tornou-se intermunicipal e interestadual e tomou como local de referência o lado da integração municipal, e por funcionar sem estrutura para a devida atividade provoca um acúmulo de pessoas em um lugar desprovido das condições necessárias a essa atividade. Outras atividades informais foram somando-se nas proximidades da integração. Durante o dia o comércio de hortifrúti é o mais evidenciado, além de produtos infantis, carrinhos de cds e Dvds, e durante a noite uma espécie de informalidade boêmia, vários carrinhos com isopor e espetinho tomam conta do lugar e devido à falta de fiscalização, tornou-se um ambiente propício a vários tipos de violência, discussões verbais, roubos, furtos, assédios e homicídios, o tráfico de drogas também ganhou muito espaço nesse lugar específico. Além dos já conhecidos

ambientes problemáticos do Varadouro, esse foi mais um que veio a somar-se nesse bairro tão esquecido pelo poder público.

O bairro tem ao longo de seus anos uma fama de ser um local onde habitou em seus tempos áureos, as casas de repouso, mas que com a degradação transformou-se num ambiente propício à prostituição, vários desses ambientes bem conhecidos na capital estão localizados por lá, como a rua da areia, a praça Pedro Américo, outrora conhecida vulgarmente como praça do sexo e, o pavilhão do chá, que com o passar dos anos, e com a falta de clientes de poder econômico considerável, que outrora foi frequentada pela elite local, foi dando lugar a pessoas de baixo poder aquisitivo, o que abriu espaço para o mundo das drogas, mulheres que usam o lugar como um espaço de prostituição, e não só por dinheiro, mas por drogas devido a fatores sociais e muitas vezes para amenizar as suas necessidades, como a fome e o pagamento de aluguel. Com esse comércio em queda na localidade e diante da invasão maciça das drogas no bairro do varadouro, as profissionais do sexo vão se viciando nas drogas e encontrando nelas, uma forma de renda que pode suprir suas necessidades, e assim, novos locais de violência urbana vão surgindo, e se espalhando pelo bairro, os traficantes se apoderam das prostitutas, as tornam usuárias das drogas e as levam a trabalhar para os mesmos, seja como aviãozinho, o chamado atravessador da droga, ou abusando dos clientes que vão em busca do prazer sexual.

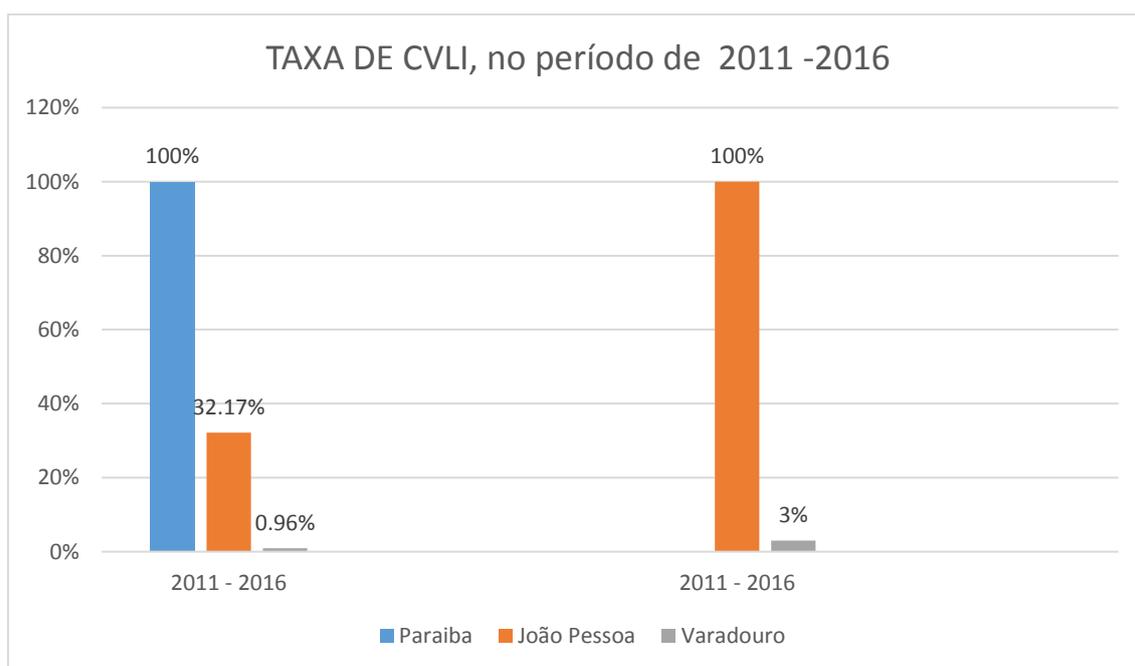
O Varadouro é um lugar bastante heterogêneo, sempre foi um lugar onde concentrou e concentra o comércio, seja na formalidade ou na informalidade, seja nas habitações em duas grandes mansões, cortiços ou comunidades, seja nas formas de violência, roubos, homicídios ou no tráfico de drogas que é a que mais impera no local, porém para os moradores que lá habitam por muitos anos, é estarrecedor vê essas mudanças num bairro antes tão familiar, vê-lo tornar-se ao olhar da cidade tão violento, mas ainda há muita resistência pelas pessoas que moram lá em discutir a violência. Isso revela um lado curioso devido as diversas opiniões, mesmo assim, a população, em sua grande maioria, o consideram o melhor lugar do mundo para se viver.

3.2 – O bairro Varadouro: um perfil e um olhar sobre ele

Sendo a questão central da pesquisa a violência no bairro Varadouro recorreremos ao SESDS, em busca de informações sobre o bairro.

No período de 2011 a 2016 segundo o Núcleo de Análise Criminal e Estatística da SESDS à Paraíba registrou o elevado número de 9096 CVLIs (Crimes Violentos Letais Intencionais) sendo 2928 na cidade de João Pessoa, número esse que corresponde à 32,17% dos CVLIs do Estado e o bairro do varadouro, 88 CVLIs correspondendo a 0,96% do estado e 3,0% do município. Conforme revela o gráfico a seguir:

Gráfico da taxa de CVLI na Paraíba, João Pessoa e Varadouro no período de 2011 -2016



Fonte: NACE/SESDS/PB

Segundo os números fornecidos pelo núcleo nesse período de 2011 à 2016, o bairro do varadouro teve uma quantidade baixa de CVLIs, se compararmos ao Estado da Paraíba e a cidade de João Pessoa, enquanto o estado da Paraíba oscila entre de 1300 e 1700 e a cidade varia entre 350 e 600, o bairro do Varadouro tem números consideravelmente pequenos entre 10 e 20, porém para a população residente no bairro, é um número incômodo, por se

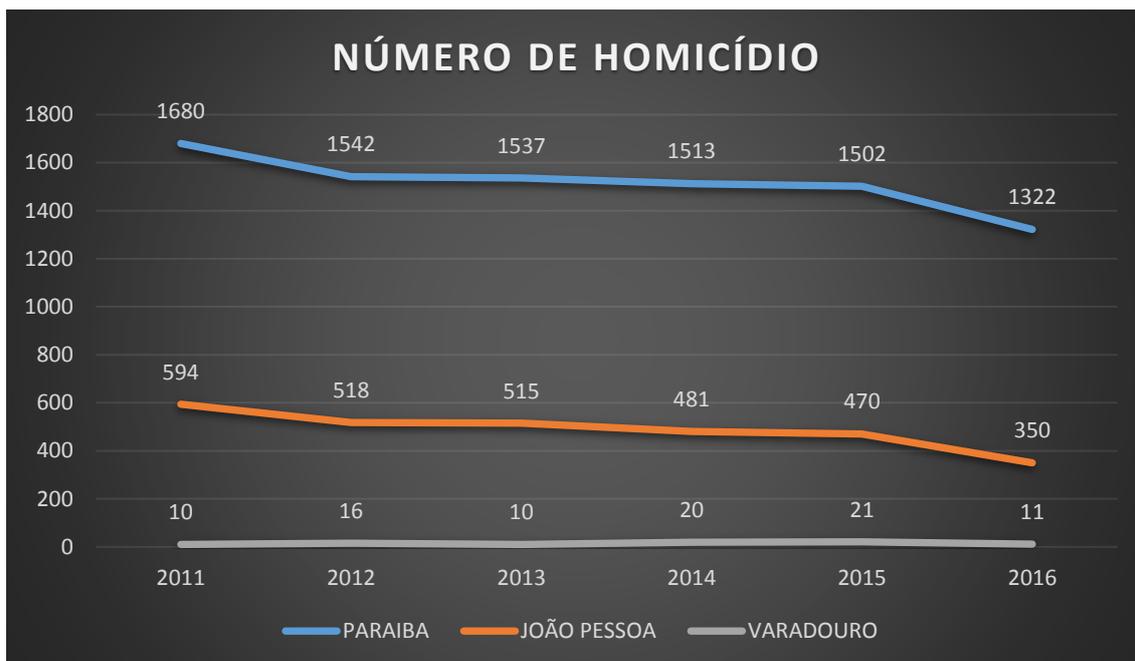
tratar de um bairro pouco populoso. Os dados registrados a seguir confirmam o que já anotamos anteriormente:

Tabela do número de CVLI na Paraíba, João Pessoa, Varadouro no período de 2011 – 2016

	PARAÍBA	JOÃO PESSOA	VARADOURO
2011	1680	594	10
2012	1542	518	16
2013	1537	515	10
2014	1513	481	20
2015	1502	470	21
2016	1322	350	11
TOTAL	9096	2928	88

Fonte: NACE/SESDS/PB

Esses números nesses últimos 5 anos vêm caindo, não como a sociedade espera, em parte, em decorrência, do trabalho exercido pelo atual governo do estado, os índices mostram que todo o esforço do Programa Paraíba Unida pela Paz, vem trazendo alguns resultados, mesmo assim, é observado que nos anos de 2014 e 2015 houve um aumento nos índices do bairro do Varadouro, enquanto no estado e no município esses índices diminuía, o bairro tem um aumento significativo para seus padrões regulares. No gráfico abaixo, observaremos que as linhas da Paraíba e de João Pessoa vem caindo, enquanto no bairro teremos um leve aumento.

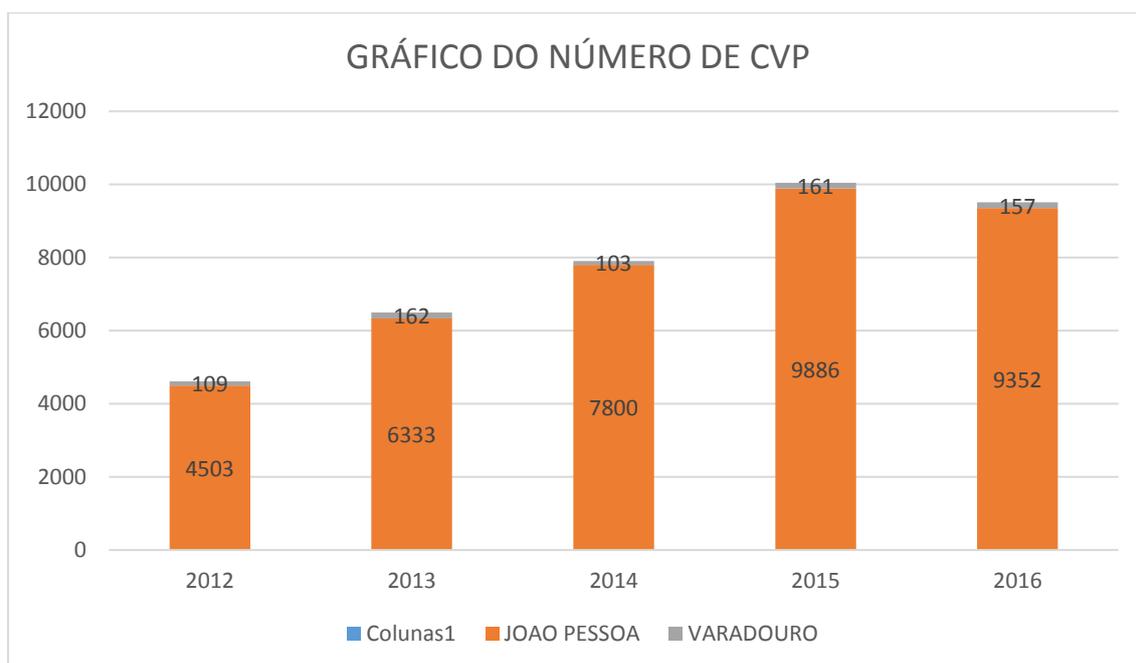


Fonte: NACE/SESDS/PB

Na busca por resposta sobre esses índices de CVLIs no bairro nesse período, descobriu-se que foi nessa época que houve uma intensa guerra pelo tráfico entre as facções rivais no bairro, período esse que diminuiu sua intensidade após a prisão de algumas lideranças e a morte de outras.

Outro tipo de violência que também preocupa muito as autoridades e os moradores são os CVPs, Crimes Violentos Patrimoniais, são os roubos e furtos, esses são os que mais têm atingido a sociedade e trazido mais revolta, o banco de dados do NACE, não traz a quantidade de CVPs no estado, tem apenas na cidade de João Pessoa e no varadouro, e também foi apenas a partir de 2012 que começaram a ser coletados e criado um banco de dados, no período de 2012 à 2016 João Pessoa registrou a marca considerável de 37.874 CVPs, sendo 602, ou seja, 1,58% no bairro do Varadouro. O gráfico a baixo, trará mais detalhadamente, a divisão desses crimes nesse período.

Gráfico do número de CVPs no Município de João Pessoa e no bairro do Varadouro período de 2012-2016



Fonte: NACE/SESDS/PB

Diferente dos CVLIs, os CVPs vêm ao longo dos anos, com um aumento considerável, a população acredita que esses registros resultam da impunidade desses crimes, pois a polícia prende e a justiça solta, aumentando assim a frequência dessa modalidade criminosa; há quem considere que a forma descansada com que as pessoas andam com seus bens, facilita esses delitos sendo eles impunes ou não. Na tabela a seguir trabalhamos a evolução dos números e as taxas por anos que esses crimes vem acontecendo em João Pessoa e no Varadouro.

Tabela dos números e taxas de CVP em João Pessoa e no Varadouro no período de 2011-2016

	JOÃO PESSOA	VARADOURO	JOÃO PESSOA	VARADOURO
2012	4503	109	11,88%	0,28%
2013	6333	162	16,72%	0,42%
2014	7800	103	20,59%	0,27%
2015	9886	161	26,10%	0,42%
2016	9352	157	24,69%	0,41%
TOTAL	37874	602	100%	1,52%

Fonte: NACE/SESDS/PB

Fazendo uma análise dos números, a localidade possui índices aceitáveis comparado a outros bairros do mesmo município, bairros como o Valentina, Mangabeira e Mandacaru, são os puxadores dos índices de violência no município de João Pessoa, porém esses números não podem deixar de ser levados em consideração, pois a violência é um fator muito dinâmico diante de sua problemática, os índices alternam entre bons e ruins de acordo com a logística, os interesses dos criminosos e a atuação do Estado no combate aos mesmo por diferentes vias.

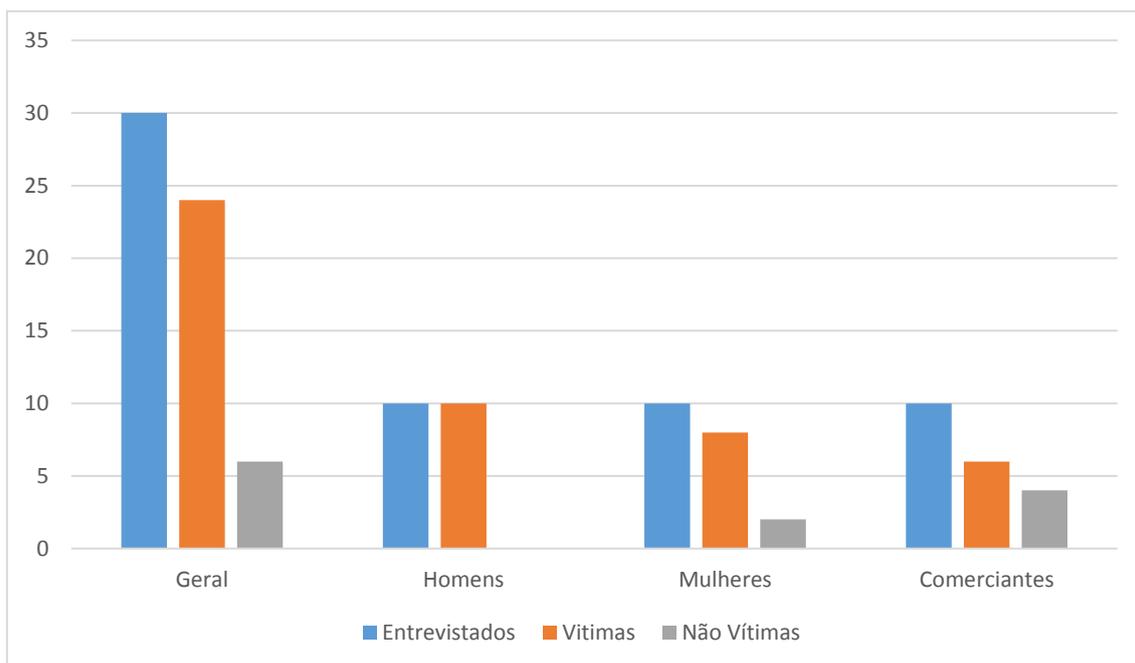
3.3 – Os atores sociais, suas visões e perspectivas sobre a violência.

Elaboramos roteiros de entrevista específicos para averiguarmos o problema posto na pesquisa e elegemos um universo a ser pesquisado, além de contarmos com o nosso conhecimento como morador do bairro por longo tempo e a nossa experiência profissional.

Dos 30 entrevistados, 24 já foram vítimas de algum tipo de violência no bairro, sendo 10 homens, 8 mulheres e 6 comerciantes e 6 ainda não havia sido vítima de violência no local, porém, todos os entrevistados tem conhecimento de pessoas que foram vítimas de algum tipo de violência no local, o crime que mais chama atenção é o homicídio, por se tratar de um bairro pouco populoso e em sua grande maioria de vítimas dos crimes de homicídio, são conhecido dos moradores, Dos homens: 100% dos homens entrevistados foram vítimas dos mais variados tipos de violência, roubos, agressões físicas decorrente de álcool ou tráfico de drogas, além de todos os homens ter conhecimento de algum morador do bairro que também já foi vítima de algum tipo de violência.

Inicialmente apresentamos um perfil dos entrevistados tendo como referência gênero, e situação socioeconômica.

GRÁFICO DOS ENTREVISTADOS



FONTE PESQUISA DE CAMPO 2017

Do conjunto das entrevistas elegemos 3 pessoas por serem representativas do universo pesquisado, acrescentando informações relevante à pesquisa. Em entrevista realizada com o entrevistado um, de 35 anos, tecnólogo em construções de edifícios e residente do bairro toda sua vida, foram coletadas as seguintes respostas:

Já foi vítima de violência no bairro?

Sim

Qual(is)?

Uma vez fui roubado em frente à Praça da Pedra, junto com meu irmão e um amigo, por dois homens a pé e armados de revólver.

Conhece alguém que foi Vítima de violência?

Sim

Qual (is)?

- *Minha esposa já foi roubada quando voltava do trabalho, na Av. B. Rohan;*
- *Um amigo foi roubado em frente à antiga Central de Polícia, na subida da rodoviária;*
- *Minha cunhada foi roubada junto com a cunhada dela na porta de casa, em frente à Praça da Pedra;*
- *Uma amiga da minha irmã foi rendida quando ia chegando em casa, isso na mesma rua que eu moro, onde o ladrão entrou e roubou alguns pertences.*
- *Outro rapaz que eu conhecia foi morto entre a rodoviária e a antiga fábrica Sanhauá, por causa de envolvimento com drogas e rixas entre grupos rivais.*

A quem deve dirigir-se o cidadão (ã) quando vítima da violência?

Ao ser vítima de violência, a vítima deve recorrer às autoridades policiais, através do 190 para informar à Polícia Militar, como também ir na delegacia para registrar a ocorrência na Polícia Civil.

Na sua opinião, o poder público atua no bairro?

Sim

De qual forma?

Infelizmente hoje o poder público se restringe apenas às polícias, as quais têm um sistema precário e antigo para combater o crime cada vez mais organizado.

Na sua opinião, quais atitudes o poder público pode tomar para melhorar a segurança no Bairro do Varadouro?

Além de o Estado investir diretamente na Segurança Pública, melhorando e aumentando seu efetivo policial, há também outras maneiras de melhorias no bairro que contribuem para a segurança, como iluminação, praças, saneamento de áreas com esgotos abertos, entre outras medidas que ajudam a combater ambientes propícios à violência.

Em um bairro periférico como varadouro, a população carente de bons serviços públicos, como saúde e educação de qualidade acredita em alguns

momentos que a atuação do poder público no bairro é dada pelos principais órgãos de segurança pública, em outra entrevista com a entrevistada dois, de 27 anos, moradora do bairro a 19 anos, respondeu os questionamentos da seguinte forma:

Já foi vítima de violência no bairro?

Sim

Qual(is)?

Fui roubada quando voltava do trabalho, por uma mulher que me ameaçou e tomou meu celular.

Conhece alguém que foi Vítima de violência?

Sim

Qual delas lhe chamou mais atenção?

O da minha irmã, que estava na porta de casa quando passaram dois homens numa moto, pararam e em tom de ameaça roubaram o celular dela. Essa foi a que mais chamou à atenção pelo fato de ter sido praticamente dentro de casa, onde deveríamos nos sentir seguros.

Na sua opinião a quem deve dirigir-se o cidadão(ã) quando vítima da violência?

Ao órgão responsável pela segurança pública, que é a polícia.

Na sua opinião, o poder público atua no bairro?

Não

Na sua opinião, quais atitudes o poder público pode tomar para melhorar a segurança no Bairro do Varadouro?

Tentar trazer uma melhoria de vida para a população do bairro, investindo em educação, programas sociais, meios para inserir os jovens no mercado de trabalho e outras coisas que façam com que as pessoas desistam de fazer o mal.

Você acha que a violência contra a mulher é mais acentuada?

Sim

Se sim, Por quê?

Acho que talvez por ser mais frágil fisicamente a mulher se torne um alvo maior da violência, principalmente a familiar.

Você conhece a Lei Maria da Penha?

Sim

Que outras violências contra a mulher você conhece no bairro e gostaria de registrar?

Como sou uma pessoa muito caseira e não tenho muitas amizades, não sei dizer se dentro de casa alguma mulher que eu conheça sofra algum tipo de violência doméstica ou outro tipo de violência. Os fatos que conheço são todos de mulheres que foram roubadas.

Uma pergunta direcionada especificamente as mulheres, tratava-se da violência doméstica, não houveram relatos de violência doméstica sofrida pelas entrevistadas, porém é algo que deve ser salientado, pois, alguns relatos sobre violência doméstica foram ouvidas pelo pesquisador, porém fizeram muita questão para que não fosse descrito nas entrevistas, até por acharem um problema que só diz respeito à vítima e ao agressor, uma visão machista decorrente de nossa formação/educação e herança de uma sociedade patriarcal., a violência contra mulher é algo acentuado, nos dias atuais, existe muita publicidade e muitos apelos sociais para que esse problema seja denunciado, mas ainda falta muito para a sociedade saber lidar com esse tipo de situação.

Por se tratar de um bairro bastante comercial, um outro tipo de entrevista foi feita com alguns comerciantes do bairro, como o entrevistado três, 38 anos, morador do bairro há 20 anos, e foram obtidas as seguintes resposta:

Já foi vítima de violência aqui em seu comércio?

Sim

Qual(is)?

No começo do meu comércio estávamos com poucos clientes na loja, chegaram dois indivíduos armados de surpresa cada um com uma arma e roubaram pertences e dinheiro da loja, além do notebook da minha esposa.

Houve prejuízo material?

Sim

Conhece algum outro comerciante que foi Vítima de violência?

Sim

Quantos?

Vários, o varadouro por ser uma área comercial durante a noite é muito e calmo e propicio a arrombamentos, várias lojas já foram arrombadas no período noturno, além de comércios que estão mais afastados dos lugares movimentados serem vítimas de assaltantes.

Há quem deve dirigir-se o cidadão (ã) quando vítima?

No meu ver, apenas a polícia,

O poder público atua no bairro?

Não

Quais atitudes o poder público pode tomar para melhorar a segurança no Bairro do Varadouro?

Para o meu segmento é melhorar a iluminação do bairro, além de criar uma forma de monitoramento para evitar ou encontrar os causadores dos arrombamentos.

É fato que a violência se instalou no bairro, seja contra a pessoa ou contra o patrimônio, e a polícia é o órgão mais requisitado pela população, por mais que o poder público deva atuar na cidade de várias formas, esse problema recai no colo da instituição Polícia Militar, sendo o tema banalizado em sua forma de abordagem pelos veículos de telecomunicação, demandando atenção das autoridades competentes.

Quando perguntado aos moradores, qual o maior causador da violência no bairro, todos os entrevistados atribuíram ao tráfico de drogas, eles acham que após o crescimento do consumo das drogas ilícitas no bairro e o grande número de traficantes existentes na localidade, a violência apenas aumentou e acham que a tendência é aumentar cada dia mais se as autoridades não tomarem providências.

Quanto a sensação de segurança, por mais que nas entrevistas, todos os entrevistados tenham citado algum tipo de violência, eles ainda se sentem seguros no bairro, e ao indagar se eles trocariam o bairro por outro lugar, eles acham que a violência ainda não é o principal problema do bairro, a falta de estrutura, como ruas esburacadas, péssimo acesso a saúde e educação, falta de áreas de lazer, e péssima iluminação, são problemas que deveriam ser solucionados mais rapidamente, e quanto a violência, o bairro ainda é um bom lugar para se morar.

Considerações finais

Ao concluirmos nosso trabalho podemos constatar que não são fatores apenas como a pobreza e a miséria os principais responsáveis pela violência urbana, mas sim as desigualdades sociais, visto que a maioria da população vive em situação de descaso, sem direito a saúde, moradia, alimentação e segurança de qualidade. Por outro lado, uma minoria consegue concentrar a riqueza do país nas mãos, desfrutando de tudo e ostentando seu *status* na mídia e principalmente em colunas sociais, o que muitas vezes tem levado a que alguns destes excluídos reajam de maneira violenta tentando obter alguma compensação, o que é inaceitável. Entretanto, notamos que o descaso dos poderes públicos contribuem para agravar ainda mais esta situação. A falta de políticas nos bairros periféricos possibilita o crescimento do poder do crime organizado, que aos poucos, vem tomando o lugar do Estado. Portanto, acreditamos que Estado não pode e nem deveria se ausentar do dever de dar assistência as comunidades carentes, principalmente com ações sociais necessárias de inclusão, e de uma Segurança Pública que funcione de forma eficiente. Essa falta de assistência dos poderes públicos tem agravado ainda mais a situação fazendo com que aumente consideravelmente a insatisfação popular, contribuindo para a descrença da população nos poderes constituídos, e neste caso, observamos através de nosso trabalho que no bairro do Varadouro a situação não tem sido diferente da dos demais bairros da periferia da Grande João Pessoa.

Com base em nossa pesquisa, acreditamos também que para que haja o resgate da autoestima da população é preciso que não só os poderes públicos, mas outras organizações sejam elas geridas pelos meios de comunicação, associações comunitárias, sindicatos de trabalhadores, dentre outros, procurem se engajar em defesa de uma política de segurança pública mais eficiente e que atenda às necessidades da população como um todo.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Wellington Silva. Raízes da violência no Brasil: Principais causas da violência criminal na atualidade. TCC apresentado ao curso de Graduação de História da UEPB. 2016.

BAYER, Augusto Diego. **A mídia, a reprodução do medo e a influência da política criminal.** Artigo disponível em: <
<http://diegobayer.jusbrasil.com.br/artigos/121943204/a-midia-a-reproducao-do-medo-e-a-influencia-da-politica-criminal>>. Acesso em 09 março de 2017.

Bezerra, J. Benilton (2005). **A violência como degradação do poder e da agressividade.** In: Pensando a Violência com Freud. A Brasileira na Cultura. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPA de POA, nov. 2005.

FERRAZ, H., **A violência Urbana.** Ed. João Scortech, São Paulo, 1994, 115 p.
 FERREIRA, Ignez; PENNA, Nelba. **“Território da violência”.** PAVIANI, Aldo; FERREIRA, Ignez; BARRETO; Flósculo (orgs.). **Brasília: dimensões da violência urbana.** – Brasília: Editora Unb, 2005.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência urbana: um problema social.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **10**(1):105-119, maio de 1998.

Lucinda, M. da C; Nascimento, M. das G. & Candau, V.M. (1999). **Escola e Violência.** Rio de Janeiro: DP&A.

Mello, S. L. (1999) **A violência urbana e a exclusão dos jovens.** In B. B. Sawaia (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social** (pp. 129-140). Petrópolis: Vozes.

MICHAUD, Y. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989.

ODALIA, Nilo. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

POSTERLI, R. **Violência Urbana: abordagem multifatorial da criminogênese.** Ed. Inédita, Belo Horizonte, 2000, 106 p.

PINHEIRO, P.S. Violência, crime e sistemas policiais em países de nova democracia. In: Tempo Social. V. 9, n. 1. São Paulo: EDUSP, 1997. P. 43-58.

RJTV. 2 ed. *Traficantes de classe média*. Disponível em: <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL176272-9099,00.html>. Acesso em: 01out. 2016.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências da cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

ROLIM, M. **A síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar; Oxford, Inglaterra: University of Oxford, Centre for Brazillian Studies, 2006.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso Sobre A Origem E Os Fundamentos Da Desigualdade Entre Os Homens**. L&PM, 2008.

SANTOS, Sérgio de Oliveira. Os direitos humanos no Brasil sob a ótica do conceito de cidadania. Artigo da 9ª Amostra Acadêmica UNIMEP, 2011. Disponível em: <<http://unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/5/521.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2016.

Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social - **(SESDS)**.

SILVA, G. F. **Violência e imprensa em Minas Gerais: uma reprodução da sociedade dominante?** [S.l.: s.n.],2010. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/bien/pt/papers/geelisonsilvaViolenciaImprensemMinasGerais.pdf>>. Acesso em 19 de maio de 2017.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2016: Homicídios por armas de fogo no Brasil**. Rio de Janeiro: FLACSO, 2016. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf.